



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
PROFLETRAS

ALUNA: IRANEIDE MARIA DE MÉLO

**Variante linguística e identidade regional: das Redes
Sociais à sala de aula do Ensino Fundamental**

CAJAZEIRAS-PB

2015

IRANEIDE MARIA DE MÉLO

**Variante linguística e identidade regional: das Redes
Sociais à sala de aula do Ensino Fundamental**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Campus de Cajazeiras, para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos. **Linha de Pesquisa:** “Teorias da Linguagem e Ensino”.

Professor: Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior

CAJAZEIRAS-PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

M528v Mélo, Iraneide Maria

Variante lingüística e identidade regional: redes sociais à sala de aula do Ensino Fundamental. / Iraneide Maria de Mélo. - Cajazeiras, 2016.

184f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Nelson Elieser Ferreira Júnior.

Dissertação (Mestrado) – UFCG / CFP.

IRANEIDE MARIA DE MELO

**VARIANTE LINGUÍSTICA E IDENTIDADE REGIONAL: DAS REDES
SOCIAIS À SALA DE AULA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Coordenação do
Mestrado Profissional em Letras-
PROFLETRAS, UFCG/CFP, como requisito
para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Orientador: Nelson Eliezer Ferreira Júnior

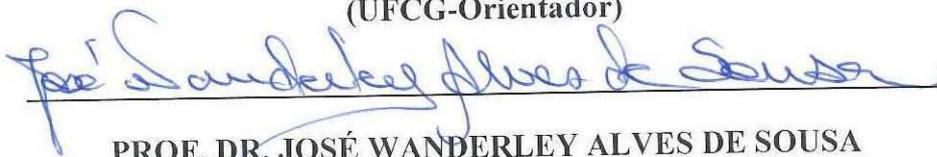
Aprovada em 24/11/2015

BANCA EXAMINADORA



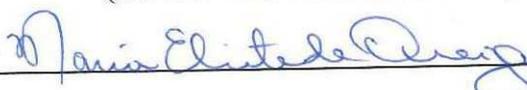
PROF. DR. NELSON ELIEZER FERREIRA JÚNIOR

(UFCG-Orientador)



PROF. DR. JOSÉ WANDERLEY ALVES DE SOUSA

(UFCG- Examinador Interno)



PROFA. DRA. MARIA ELIETE DE QUEIROZ

(UERN- Examinadora Externa) e

DEDICATÓRIA

A Deus-Pai todo-poderoso, por todos os presentes e todas as vitórias que tem me dado;

À minha mãe, o maior amor da minha vida a quem dedico todas as minhas vitórias;

Ao professor Cezinaldo Bessa, amigo e professor do CAMEAM/UERN de Pau dos Ferros, pela ajuda no “clareamento” das ideias;

Aos meus amigos, seres especiais, presença diária de amor e motivação.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador e amigo, Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Jr., pela competência e respeito com que conduziu este processo, do alvorecer da ideia até a sua síntese;

Aos Professores Dr. José Wanderley Alves de Sousa, Dra. Maria Eliete Queiroz - do CAMEAM de Pau dos Ferros e Dr. Jorgevaldo de Sousa Silva, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação e na Defesa;

Às minhas amigas, queridas, que acompanharam a minha trajetória desde muito: Francivânia, Zenilda e Rogênia;

À CAPES e ao PROFLETRAS pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Pois é. U purtuguêis é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti discobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im portuguêis, é só prestátenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muito diferenti. Qui bom qui a minha lingua é u purtuguêis. Quem soubé falá, sabi iscrevê.

(Jô Soares. Revista Veja, 28 de novembro de 1990)

MÉLO, Iraneide M. de. **Variante linguística e identidade regional: das Redes Sociais à sala de aula do Ensino Fundamental.** Cajazeiras, 2015, 183f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – PROFLETRAS, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

RESUMO

O presente trabalho traz uma abordagem teórica sobre o variacionismo do Português Brasileiro (PB), e das variantes sociais estigmatizadas, com ênfase à regional nordestina, como também uma discussão em relação à função do novo professor de Português frente à indicação dos PCNs (1998), no que concerne à valorização da identidade linguística, com focalização nas competências comunicativas do sujeito e a diversidade linguística, como também o uso do texto, não para abordar a Gramática, mas para refletir sobre a Língua e as linguagens (BAGNO, 2002). Mostrar-se-á também que páginas do Facebook podem ser instrumento de análises linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa. Com efeito, a fanpage do “Bode Gaiato” foi utilizada para tal intento numa experiência com sequência didática (SD) aplicável em turmas do ensino Fundamental. Para tanto, utilizou-se aqui, como base teórica, textos de Bagno (2002, 2004, 1999), Bortoni-Ricardo (2004, 2013), Mattos e Silva (2004, 2013), assim como de outros. Intencionou-se, para ter esses resultados, abordar, através de posts do ‘Bode Gaiato’ (fanpage do Facebook), o variacionismo da nossa língua, em todos os seus aspectos, assim como trabalhar com a valorização da identidade linguística do aluno, desmistificando o preconceito das nossas variantes estigmatizadas, tudo isso com a utilização de uma SD elaborada e possibilitada pelo trabalho com análises linguísticas de postagens desta fanpage, onde se pôde perceber a viabilidade lúdica que o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação pode proporcionar às aulas de Língua Materna. Com a execução dessa proposta, foi possível refletir sobre a variante nordestina, assim como uma pequena abordagem de outras, quando aplicados os módulos sequenciais que trabalham, através dos textos da fanpage em questão, aspectos fonéticos, mórficos, semânticos e culturais destes textos. Também se pôde compreender que o uso de SDs para trabalhar conteúdos através da análise linguística de textos é uma prática proveitosa de utilizar meios virtuais. Concluiu-se, então, com essa investigação, que ‘os gêneros’ do Facebook podem ser utilizados na abordagem de seus aspectos linguísticos no concernente às marcas fonético-estruturais e semânticas, desmistificando o preconceito em relação às variantes estigmatizadas. Nos ‘posts’ do “Bode Gaiato” são encontradas todas essas marcas da variedade regional nordestina, assim como signos não verbais (imagens) que complementam o reflexo dessa variante do PB. Para finalizar, posso dizer que o trabalho com as características linguístico-textual dessa página, por meio da utilização de dispositivos móveis (no Facebook), em sala de aula, possibilita ao professor abordar as variantes linguísticas do nosso idioma, conscientizando o aluno da sua identidade linguística, assim como é possível desconstruir a ideia de ‘certo ou errado’ e levar o aluno a refletir sobre a Língua, entendendo que existem adequações de usos sociais para a linguagem e que se apoderar da propriedade de uso das variantes é dispor de um passaporte à igualdade de direitos e à cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa. Identidade regional. Variacionismo. TICs. Fanpage.

MÉLO, Iraneide M. “Linguistic variant and regional identity: Social Networks to the elementary school classroom” (**Variante linguística e identidade regional: das Redes Sociais à sala de aula do Ensino Fundamental**). Cajazeiras, 2015, 183f. **Dissertation** (Mestrado Profissional em Letras) **Letras Professional Post Graduation - PROFLETRAS**, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

ABSTRACT

This paper presents a theoretical approach to variacionismo the Brazilian Portuguese (PB), and stigmatized social variants, with emphasis on the Northeast Regional, as well as a discussion regarding the role of the new teacher of Portuguese front of the indication of PCNs (1998) , regarding the enhancement of the linguistic identity, with a focus on communication skills of the subject and linguistic diversity, as well as the use of text, not to address the grammar, but to reflect on the language and languages (BAGNO, 2002). It will show also that Facebook pages can be an instrument of linguistic analyzes in Portuguese classes. Indeed, the fanpage "Bode Gaiato" was used for this purpose in an experiment with didactic sequence (SD) applicable in elementary school classes. Therefore, it was used here as a theoretical basis, Bagno texts (2002, 2004, 1999), Bortoni-Ricardo (2004, 2013), Mattos and Silva (2004, 2013), as well as others. is purposed-to have these results, addressing, through posts of 'Bode Gaiato' (fanpage Facebook), the variacionismo of our language in all its aspects, as well as working with the appreciation of the linguistic identity of the student, demystifying the prejudice of our stigmatized variants, all with the use of a SD prepared and made possible by working with linguistic analysis of posts this fanpage, where he could see the playful viability that the use of Information and Communication Technologies can provide the language lessons Materna. With the implementation of this proposal, it was possible to reflect on the northeastern variant, as well as a small approach other when applied sequential modules that work through the fanpage of the texts in question, phonetic aspects, morphic, semantic and cultural of these texts. Also could understand that the use of SDs to work content through linguistic analysis of texts is a useful practice of using virtual media. It was, then, with this research, that 'genres' of Facebook can be used in addressing their linguistic aspects in regarding the phonetic-structural and semantic tags, demystifying the bias towards stigmatized variants. In 'posts' of the "Bode Gaiato" are found all these brands of the northeastern regional variety, as well as non-verbal signs (images) that complement the reflection of this variant of the PB. Finally, I can say that working with the linguistic-textual features of this page, through the use of mobile devices (on Facebook), in the classroom, allows the teacher address the linguistic variants of our language, aware the student of his linguistic identity, as it is possible to deconstruct the idea of 'right or wrong' and lead the student to reflect on the language, understanding that there are adaptations of social uses for the language and take over the use of variants property is to have a passport to equality of rights and citizenship.

KEYWORDS: Portuguese Language Teaching. regional identity. Variacionismo. ICT. Fanpage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - A Valorização do ‘linguajar’ nordestino | 45 |
| Figura 2 - Regionalismos gaúcho e caipira | 45 |
| Figura 3 - Dicas de prosódia e ortoépia | 46 |
| Figura 4 – Fanpage “O Bode Gaiato” | 48 |
| Figura 5 - Tomar leite com manga | 51 |
| Figura 6 – Aplicativos e novidades da tecnologia | 52 |
| Figura 7 – Desmistificação do preconceito linguístico | 59 |
| Figura 8 - Linguagem típica com seus aspectos fonético-estruturais | 60 |
| Figura 9 - A Sequência Didática: proposta de Schneuwly & Dolz (2004) | 65 |

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|--|----|
| TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação | 16 |
| TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação | 35 |
| AL – Análise Linguística | 47 |
| FB – Facebook | 27 |
| SD – Sequência Didática | 61 |
| PB – Português Brasileiro | 26 |
| PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais | 30 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 CAPÍTULO I: LÍNGUA E VARIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL.. | 21 |
| 1.1 Língua e Variação | 21 |
| 1.1.1 A Sociolinguística e as variantes sociais de faixa etária, sexo, etc. | 25 |
| 1.2 Variantes e estigmas: a importância de refletir sobre as práticas de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa | 28 |
| 1.3 Identidade e empoderamento numa nova concepção de ensino pelos PCNs | 32 |
| 2 CAPÍTULO II: AS TICS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO | 35 |
| 2.1 O uso das TICs: Redes Sociais como ferramentas pedagógicas | 35 |
| 2.2 Facebook e diversidade linguística | 37 |
| 2.2.1 O Facebook na Educação | 38 |
| 2.2.2 O Facebook e as fanpages: a popularidade das Redes Sociais e suas aplicabilidades em sala de aula | 40 |
| 2.2.3 Fanpages de valorização da cultura e da linguagem nordestina | 42 |
| 2.3 “Bode Gaiato” | 48 |
| 2.3.1 A variante regional na fanpage do “Bode Gaiato” | 52 |
| 2.3.2 Uso didático das postagens desta fanpage | 56 |

| | |
|---|-----------|
| 3 CAPÍTULO III: FACEBOOK, “BODE GAIATO” E VARIANTE NORDESTINA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA | 58 |
| 3.1 A abordagem da Língua numa perspectiva variacionista: a necessidade de uma intervenção | 58 |
| 3.1.1 A idealização de uma proposta didática..... | 58 |
| 3.1.2 Sobre o gênero trabalhado | 58 |
| 3.2 Sequência Didática (Anexos) | 61 |
| 3.2.1 Relato da experiência em si após aplicação..... | 61 |
| 3.2.2 Resultados | 75 |
| 3.2.3 Discussão | 77 |
| 3.3 Conclusão..... | 79 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 80 |
| REFERÊNCIAS | 82 |
| ANEXOS | 91 |

INTRODUÇÃO

A política educacional vigente já prevê uma mudança no ensino da Língua Materna, em relação à abrangência da abordagem linguística do Português Brasileiro a partir do Ensino Básico (BRASIL, 1998). Essa abrangência se dá no sentido de primar pela diversidade linguística, não privilegiando apenas uma: a norma-padrão, que é a dominante. Assim sendo, não pode haver exclusão por parte do professor de Português em privilegiar essa ou aquela variedade, e sim mostrar a adequação que cada uma delas tem no contexto social de seu usuário, pois como disse Gnerre (apud MATTOS e SILVA, 2004), “talvez essa seja a única forma de fazer com que a Língua deixe de ser o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder”.

Nesse sentido, Mattos e Silva (2004) nos orienta que se deve dar ao falante “o domínio da língua de cultura, sem estigmatização das variedades adquiridas no processo natural de socialização” (ibidem, 2004, p. 30), e que as variedades linguísticas deste falante não deve ser alvo de preconceito, cujo sistema escolar deve se incumbir de promover o ensino.

Cabe, portanto, ao ensino de português nas séries escolares fazer os indivíduos perceberem que a aquisição linguística é um processo contínuo de conhecimento e de reconhecimento da multiplicidade de manifestações possíveis de sua língua – desde os extremos dos usos populares aos extremos dos usos acadêmicos, perpassando por eles as variedades regionais – e que poderão dar a qualquer um o poder que todos têm o direito de ter sobre a língua materna (MATTOS e SILVA, 2004, p. 35-36).

É nessa realidade que se insere, ainda, alguns professores de Língua Portuguesa do Ensino Básico, numa perspectiva conservadora priorizando a Gramática Normativa em detrimento às outras modalidades linguísticas, se refutando assim de experiências epilinguísticas que só vêm a acrescentar nas aulas de práticas de linguagem. Esses professores ignoram o que preconizam os PCNs em relação aos conteúdos variacionistas da Língua. Em consequência disso, nossa produção se faz útil no sentido de ser mais um meio de colaboração com essa inovação didático-pedagógica. Foi assim que se fez necessário uma investigação que valorizasse essa vertente variacionista no ensino da Língua. A respeito desse tipo de prática, Bagno (2002, p. 11) diz que

O ensino de língua no Brasil, neste início de século XXI, se encontra numa nítida fase de transição. A maioria dos professores que estão se formando agora já têm consciência de que não é mais possível simplesmente dar as costas a todas as contribuições da ciência linguística moderna e continuar a ensinar de acordo com os preceitos e preconceitos da Gramática Tradicional. Por outro lado, ainda não sabem de que modo concretizar essa consciência em prática de sala de aula.

Portanto, essa pesquisa se fez necessária como um contributo para a valorização do nosso idioma como um todo, não apenas só da variante padrão, mas desta e de todas as outras. Pois é por causa de todas as outras que o Português brasileiro é uma língua tão rica de sotaques (aspectos fonológicos), estruturas (aspectos morfossintáticos) e significados (aspectos semânticos). E é na sala de aula que devemos explorar essa diversidade da Língua Portuguesa por meio de análises. Com essas análises linguísticas das variantes (inclusive as estigmatizadas) é que desvendamos e reconhecemos esses ‘traços’ diferenciais que são considerados como ‘erros’, em detrimento da variante dita ‘cultura’. São, justamente, esses processos que se pretendeu, aqui, investigar com essa experiência didática. Ou seja, por meio do gênero ‘post’ (publicações de uma fanpage do Facebook, a do “Bode Gaiato”), investigar com os alunos do 7º Ano essas características, do nosso falar regional, registrados nos textos que são publicados diariamente nesta fanpage.

É com esse propósito que se apresenta o nosso trabalho: o de dar outros subsídios de abordar a diversidade linguística em nossas aulas. Esses subsídios têm a intenção de colaborar com uma nova visão pedagógica e didática que sirva para reverter essa prática de ignorar as variedades da nossa Língua Portuguesa, por achar que é uma “língua errada” e, assim sendo, não deve ser explorada. Todas as variedades da Língua são importantes na mesma proporção, pois são elas que garantem a vivacidade e a dinamicidade da mesma. São essas variedades que legitimam linguisticamente o Português brasileiro em seu caráter comunicacional e social. Por isso que Bagno (2002), um dos renomes da Linguística de Língua Portuguesa, esclarece nessa citação que, hoje, as vertentes modernas da Linguística são indissociáveis do ensino da Língua, começando pelo Ensino Básico. Não podemos aceitar que a Língua, e o ensino da mesma, que são vistos sob outros olhares, se dissocie da diversidade que a mesma suporta, sendo assim a aplicação da Sociolinguística, muito importante para a compreensão desses fenômenos e de seu ensino numa prática epilinguística de abordagem.

Deve-se, então, dessa forma, levar em conta que o preconceito linguístico está muito atrelado ao estigma gramatical. A língua como entidade viva, deve ser analisada e compreendida pelos seus aspectos condicionantes. Por isso, ainda a propósito desse problema, o autor reitera dizendo que

Os PCNs de Língua Portuguesa estão redigidos de tal modo que sua leitura se revela, com muita frequência, extremamente difícil para a grande maioria dos professores brasileiros, sobretudo os que atuam nas Escolas públicas, que não foram preparados, em seu curso de formação, para ler esse gênero de texto escrito, que pressupõe conhecimento prévio de teorias linguísticas específicas, veiculadas numa terminologia que não é tão transparente para o professor leitor quanto parece ser para os autores do documento (MARCUSCHI apud BAGNO, 2002, p. 15).

Portanto, essa negligência que há por parte de alguns educadores, em relação ao ensino das variedades linguísticas, nas aulas de Língua Portuguesa, causa em mim enquanto professora uma curiosidade e um interesse a ser refletido à luz das teorias que há sobre o assunto, assim como produzir um meio de ensino dessas variedades que seja eficaz no processo de ensino/aprendizagem da Língua. Pois, como nos diz Marcos Bagno (2004), na apresentação que o mesmo faz do livro *Educação em Língua materna: a Sociolinguística na sala de aula* (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 7):

Devemos ter uma sensibilidade social para isso e perceber que esses brasileiros falantes das variedades linguísticas estigmatizadas constituem imensa maioria da população, secularmente negligenciada pelas ações dos sucessivos regimes políticos, especialmente no que diz respeito à educação formal – negligência estampada nas cifras de milhões de analfabetos plenos e funcionais que até hoje, em pleno século XXI, figuram ao lado de nossos outros indicadores sociais igualmente melancólicos.

Então, como uma forma de colaborar com a ampliação de métodos de ensino da Língua, resolveu-se associar essa área da Linguística – a Sociolinguística, ao uso de uma TIC, para criar um meio de intervenção e adequar-se à proposta do PROFLETRAS, um programa que tem como intenção principal contribuir para a melhoria do ensino da língua materna nas séries do Ensino Fundamental. Procurou-se utilizar, também, um recurso virtual (TIC) para criar formas de se trabalhar com análise linguística em sala de aula. Pois, como disse a educadora

alemã Martina Roth, em uma entrevista concedida à revista *Nova Escola* (2011, p. 38): “formar jovens aptos a lidar com as novas exigências deste século é uma meta que só será alcançada com uma transformação sistêmica da educação com intervenções no ambiente escolar e no currículo”. Tem-se que abordar, em sala de aula, a diversidade que abrange a nossa Língua, sem esquecer-se de contemplar, nessa metodologia de ensino, as novas tecnologias. Na verdade, a professora (Martina Roth) defende que não há transformação do processo de ensino/aprendizagem se não prepararmos as crianças e os jovens para enfrentarem as novidades do século 21, e para isso se faz necessário um currículo em que os projetos complementem as aulas, fazendo com que se abordem os conteúdos de maneira mais eficaz. Por isso que ensinar Língua é vê-la e tratá-la sob seu aspecto vivo e dinâmico. É “intensificar os usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias” (MARCUSCHI, 2002, p. 20). “Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita [...]” (idem, 2002, p. 21). É nesse contexto que os aspectos sócio-discursivos destes ‘posts’ se inserem. Num contexto que promove a oralidade de uma região do país de forma escrita para que os usuários dessa variante se identifiquem e se vejam representados por uma mídia que às vezes os discriminam veementemente em detrimento de outra variante dita como “correta e bonita”. Daí percebeu-se a necessidade de levar para o Ensino Básico os textos da fanpage do “Bode Gaiato”, como uma linguagem pertinente e adequada para realizar tal ação pedagógica. Trata-se de uma linguagem que, na verdade, é a representação escrita da oralidade, própria dos que vivem na região Nordeste, mais precisamente na faixa territorial entre Pernambuco e Paraíba, que foi o lugar onde teve origem a fanpage e onde nasceu, e atualmente vive o criador da página.¹ Essa expressividade linguística regional carrega as marcas semânticas, fonéticas e estruturais tal como ela é produzida na oralidade de pessoas da região. Portanto, seu uso na abordagem linguística das aulas de Português se faz mais do que pertinente, pois o aluno já a conhece e deve reconhecê-la não como a veem (com preconceito), mas como sendo apenas uma variedade diferente da que é imposta pela mídia e pelo ensino da Gramática Normativa na escola.

¹ LINS, Patrícia. **A Cultura Nordestina no Facebook**: Apontamentos sobre Cultura e Identidade na Era Digital. João Pessoa, 2014 (Trabalho apresentado no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, entre 15 a 17/05/2014). Disponível em: < www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0676-1.pdf>. Acesso em 14/05/2015, às 03:00.

Objetivou-se, neste trabalho, abordar e refletir sobre a variabilidade da nossa língua, no Ensino Fundamental, a partir da variedade falada pelos alunos representada nos posts do “Bode Gaiato”; descrever a eficácia de ferramentas oriundas do Facebook para o trabalho de sala de aula; explicar a variante linguística regional dos posts do “Bode Gaiato”; analisar uma experiência com esse método que utiliza uma TIC (os posts do “Bode”) e interpretar os resultados coletados, assim como tentar, nesses esforços, desmistificar o preconceito linguístico. Pois o que nos motivou para tal, foi o fato de alguns professores não darem importância à abordagem das variantes do Português brasileiro; como também o contato que professores e alunos têm com o Facebook, e com a leitura de textos de fanpages da nossa cultura regional (“Bode Gaiato”, com quase 5 milhões de seguidores em todo o mundo), diariamente. Não se pode permanecer inerte perante o fenômeno que é a internet e os novos moldes que a mesma oferece para a prática de leitura e escrita, pois estamos na era das novas tecnologias da informação e da comunicação – a era da cibercultura; também por conta da proposta dos PCNs que pregam que o professor de Português deve fazer com que os seus alunos conheçam, reflitam e respeitem todas as variantes de sua língua materna. Além de sabermos que não podemos dissociar da nossa prática pedagógica, “as contribuições das novas disciplinas surgidas dentro do campo maior da Linguística – Sociolinguística, (...) etc. – pois elas ampliaram enormemente o objeto mesmo dos estudos da linguagem (...)” (Bagno, 2002, p. 14). Sobre isso, Bagno (2002, p. 11) nos diz que, “hoje, as vertentes modernas da Linguística são indissociáveis do ensino da Língua, começando pelo Ensino Básico. Não podemos ignorar que a Língua, e o ensino da mesma, são vistos sob outros olhares, e o olhar sociolinguístico é um deles. O preconceito linguístico está muito atrelado ao estigma gramatical. A língua como entidade viva, deve ser analisada e compreendida pelos seus aspectos condicionantes”, pois sabemos que a Gramática Tradicional “(...) deixou de ser o foco exclusivo das investigações científicas da linguagem, que têm se lançado cada vez mais na busca da compreensão dos fenômenos da interação social por meio da linguagem, da relação entre língua e sociedade (...)” (BAGNO, 2002, p. 14).

Dessa forma, e, portanto, pretende-se mostrar aqui os resultados, junto aos alunos do 7º Ano “C” – da Escola de Ensino Fundamental II “José Reis” – em Sousa (PB), desse estudo, visando trabalhar a variação regional nordestina, nas publicações da fanpage do “Bode Gaiato”, página do Facebook, numa experiência bem sucedida que sirva de referência para outros professores de Língua Portuguesa, pois acreditamos que a tecnologia pode modificar o processo de ensino/aprendizagem dos dias atuais. Nosso intento, então, de investigação e

intervenção nesta Dissertação de Mestrado foi o de trabalhar com um conteúdo de caráter Sociolinguístico nas aulas de Língua Materna, na tentativa de, através da valorização da identidade linguística, despertar a percepção e reconhecimento da importância discursiva da linguagem regional nordestina. Para tanto, utilizar-se-á alguns posts do personagem “Bode Gaiato” encontrado na fanpage de mesmo nome, no Facebook. “Tudo isso num contexto sócio cognitivo dos participantes da interação” (Koch, 2002, p. 2). Portanto, tanto a abordagem dos mecanismos estruturais desta variante estudada, como a compreensão dos elementos semânticos e culturais, num contexto de identidade regional nordestina, foi contemplada na nossa proposta didática para o Ensino Fundamental.

Em síntese, esta Dissertação se destina a discutir a vertente teórica Sociolinguística, e sua inclusão de forma significativa nas aulas de Língua Materna do Ensino Básico, defendida por Marcos Bagno (1999, 2002, 2004), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004, 2012 e 2013) e Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004 e 2013), assim como também outros autores e articulistas que o fizeram.

Buscaram-se como respaldo teórico os livros “Preconceito Linguístico” (1999), “A Língua de Eulália” (2014) e “Linguística da Norma” (2012), assim como outros de Marcos Bagno. Já de Bortoni-Ricardo trabalharemos com o livro “Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na sala de aula” (2004), entre outros textos da autora. E de Mattos e Silva, seus livros “O Português são dois: novas fronteiras, velhos problemas” (2004) e “Contradições no ensino de Português” (2013). Esses autores, assim como outros, serão utilizados para as discussões do **1º Capítulo – “Língua e Variação no Ensino Fundamental”**, que abordará a Língua e seus níveis de linguagem, mais precisamente as implicações concernentes ao que se dedica a Sociolinguística – estudar as variantes da Língua Portuguesa, e sua ênfase pedagógica necessária no Ensino Fundamental. Esse Capítulo deter-se-á principalmente à abordagem da Língua e os estigmas atribuídos a seus usuários (falantes da Língua Portuguesa do Brasil), assim como a explicar porque a variação utilizada pelo usuário da Língua está diretamente ligada ao prestígio social (ou não) que o mesmo deverá ter em sua vida. Desta feita, falar-se-á um pouco a respeito da variação diatópica - ou variante regional, como uma representação da linguagem nordestina e, para terminar, explanar-se-á a respeito desse desafio nas práticas de linguagem de sala de aula que é atribuído ao novo professor de Língua Portuguesa, e de como isso tem influência e dependência direta com a formação acadêmica tida pelo mesmo.

No **2º Capítulo, “As TICs como ferramentas de ensino”**, fez-se um apanhado teórico sobre a percepção da linguagem da fanpage como uma forma de despertar a identidade linguística do aluno com a sua região e de que forma esse trabalho de abordagem das variedades linguísticas, e do regionalismo em especial, é possível através da utilização de uma TIC que, no caso, é o Facebook, e que isso se reverta em aspectos positivos no ensino do nosso idioma. Para isso usou-se como aporte teórico obras desta área pedagógica sobre o uso de TICs no ensino, como “O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo”, de David Kirkpatrick; “Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital”, de Tavares, Becher-Costa e Franco (org.) e alguns artigos da Internet, a respeito “do uso de TICs nos processos de ensino/aprendizagem”. Nesse Capítulo, será discutido o uso didático da fanpage nas aulas de Língua Materna, enfatizando as características textuais e discursivas dos posts. Estes servem de suporte discursivo da variante linguística regional nordestina e dos usos culturais do lugar, aspectos que serão trabalhados na intervenção pedagógica – a Sequência Didática.

No **3º Capítulo, “Facebook, ‘Bode Gaiato’ e variante nordestina: um diálogo possível nas aulas de Língua Materna”**, por sua vez, será apresentado uma Sequência Didática elaborada com a finalidade de fazer com que o aluno perceba sua competência linguística no concernente à semântica e aos aspectos fonético-estruturais representados pelo vocabulário das falas dos personagens da fanpage, assim como a diferença da linguagem usada na nossa região nordestina e a utilizada e ensinada na escola, usando um aparelho móvel para isso. Também para demonstrar que é possível a prática de análises linguísticas em sala de aula a partir deste gênero do Facebook. No final terá uma discussão sobre as impressões observadas nesta experiência.

Com o perfil exposto acima, nossa pesquisa é considerada de abordagem qualitativa, e de campo, desenvolvida com base na análise do desempenho dos alunos à luz dos PCNs e de autores que trabalham com a abordagem da sociolinguística, variantes estigmatizadas e ensino. A aquisição do *corpus* se deu a partir do desenvolvimento de uma sequência didática, cujas atividades priorizaram os trabalhos com as variantes do PB, partindo assim da variante falada por eles. Foi realizada numa escola pública do município de Sousa-PB; como também constitui a proposta de intervenção com o intuito de contribuir para as linhas de pesquisa do Profletras; Também se deve ressaltar o uso do Facebook como uma TIC, pois as possibilidades de uso da Internet para fins educacionais e, em particular, para o ensino-aprendizagem de leitura, se multiplicam à medida que novas ferramentas digitais são

disponibilizadas e popularizadas, e à medida que novas formas de utilizar pedagogicamente tais ferramentas são experimentadas e compartilhadas (TAVARES, 2011, p. 132). A experiência se deu na execução, em módulos de uma Sequência Didática elaborada com explanações diárias sobre o assunto, tendo como material de apoio vídeos, livros, slides e atividades (exercícios copiados e xerocados). Os instrumentos didáticos utilizados são de ordem tanto material quanto discursiva, sendo os materiais: lousa, giz e apostila; e os discursivos: exposição oral e pergunta-resposta. Portanto, essas aulas com intenções sociolinguísticas, com a utilização de uma mídia virtual, numa sala de 7º ano da E. M. E. F. “José Reis” – Sousa (PB), localizada na periferia da cidade, aconteceram com alunos adolescentes, com idade entre 12 e 16 anos. Todos vivem na periferia, nas ruas próximas à escola. Todos têm conta no FB e dispõem de um aparelho móvel particular (celular). Nessas aulas houve a apresentação do assunto ‘variações linguísticas e diversidade do Português brasileiro’; explanação oral por meio dos slides de Janaína Antunes; Exibição de filmes e documentários sobre a diversidade inerente ao Português do Brasil, no que concerne à fonética, sentidos, usos, comunidades, aspectos, representações na mídia moderna, etc. Logo após, nos módulos iniciais, com a ajuda desses materiais e conteúdos de apoio, citados anteriormente, trabalhou-se as atividades pertinentes ao tema principal.

Para terminar, aparecerão em forma de confissão particular de uma professora todas as impressões e conclusões obtidas no trato com essa experiência didática, que teve como foco a dinamicidade da Língua, as tecnologias de comunicações atuais e os próprios alunos (claro!) como elementos essenciais nesta minha experiência com eles. Essa última parte do trabalho é as **Considerações Finais**.

1 CAPÍTULO I: LÍNGUA E VARIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Nosso aporte teórico deter-se-á em revisar os conteúdos concernentes às variantes do Português brasileiro, mais especificamente à variante regional nordestina e suas características inerentes, como também sua abordagem nas aulas do Ensino Básico, sem deixar de percorrer toda uma trilha que nos fará entender que a Língua é uma instituição influenciada por fenômenos externos a ela - na fala (ou uso) e a seus falantes (ou usuários), e que tendências sociais, culturais, etc. oriundas das mudanças da sociedade podem transformá-la estruturalmente, foneticamente e semanticamente.

1.1 Língua e Variação

É inconcebível que, ainda em nossos dias, se tenha o ensino de uma Língua sem dar a ênfase devida à sua característica variacional. Pois, como se sabe, toda Língua é composta de variantes, inclusive a norma-culta, a mais privilegiada – e tida como “a correta”, é apenas mais uma delas.

“Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável” (ALKMIM, 2001, p. 21) e essa relação é a base de constituição do ser humano. “A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma Língua” (idem, p. 21). Assim, é muito importante, antes de julgar alguma forma de comunicação como “erro”, ou avaliá-la por meio de comentários preconceituosos, saber que não existe expressão linguística oral (ou escrita) do Português brasileiro que seja melhor ou pior, o que existe, de fato, são variações de uma mesma língua. Língua essa que em sua diversidade carrega valores históricos e culturais de seus falantes, de sua comunidade linguística. Nela existe uma riqueza cultural reconhecida, isso teve uma maior visibilidade pelos de fora (os estrangeiros de outros países de Língua Portuguesa)², do que pelos brasileiros, que usam do preconceito linguístico com os seus conterrâneos (de outras regiões do Brasil, como por exemplo, sulistas contra nordestinos) que se utilizam de outras variantes para se comunicar, como bem podemos lembrar do preconceito declarado contra os nordestinos nas

² Vide vídeos indicados no final das **Referências Bibliográficas** sobre a Língua Portuguesa e suas comunidades falantes, como “Língua: Vidas em Português”, “Português: a língua do Brasil” e outros.

Redes Sociais, nos anos de 2013 e 2014 que precediam as eleições presidenciais³. Isso nos mostra que o preconceito existe em todos os âmbitos sociais permanecendo com o passar dos dias, e que é contra ele (e outros tipos) que a Escola tem de construir políticas pedagógicas e didáticas combativas. Percebendo que o preconceito linguístico é um dos mais evidentes, uma vez que os próprios alunos o presenciaram nos meios virtuais nos anos que passaram, resolveu-se trabalhar com essa variante como um evento de valorização e desmistificação da discriminação desencadeada sobre ela nas mídias virtuais.

Nos Manuais Didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Básico – Fundamental II, já se vê essa mudança. O estudo dos gêneros orais e escritos inerentes ao processo pedagógico de ensino/aprendizagem da Língua Materna, já focaliza, mesmo que timidamente, a abordagem aos níveis de linguagem através do estudo das variações linguísticas, pelo menos àquelas mais comuns às interações discursivas cotidianas (o e-mail, a linguagem das redes sociais, etc.), mas não tirando o foco principal e a valorização maior à norma-culta. Essa inclusão das outras variantes é algo recente, pois a Sociolinguística teve uma maior atenção às práticas de ensino linguístico a pouco mais de três décadas (MATTOS e SILVA, 2013).

E, justamente, por a variante prestigiada, chamada de norma-padrão, não ser a única, procurou-se defender aqui a bandeira das variações, dando ênfase, como diz Rosa Virgínia Mattos e Silva (2013, p. 14), às variações “sem prestígio social” ou “estigmatizadas”. Pois como se sabe, a Linguística se detém a estudar as várias formas da linguagem humana (PETTER, 2003, p. 17), e assim sendo, ela considera todas as formas de manifestação discursiva das interações como forma digna de se entender os mecanismos que a faz diferente da considerada “melhor”. É aí que entra o ramo da Sociolinguística mostrando que toda manifestação da linguagem humana está sujeita a incorporar influências externas do meio em que a mesma é produzida (BAGNO, 2014).

“Uma língua é, sobretudo, um produto social e cultural e como tal deve ser entendida” (BELINE, 2002, p. 162), como uma entidade que carrega em sua constituição, marcas

³ Neste período (2013 a 2014) resolveram atacar verbalmente os nordestinos nas Redes Sociais, principalmente pelo Facebook. O ataque foi se dando, aos poucos, pelo simples fato de alegarem que o PT só permanecia no poder por causa dos nordestinos, “que sobreviviam de ajudas assistencialistas do governo” (...) e esse fato veio acompanhado de vários adjetivos que denigriam a imagem de um povo, e uma das alcunhas pejorativas era, justamente, relativa à fala do nordestino, onde diziam que os mesmos falavam “errado”. Isso causou uma grande polêmica (e um embate de ódio do povo do sul/sudeste contra os nordestinos), gerando outra mobilização nas Redes Sociais: a do “Orgulho Nordestino”, que ganhou uma página no Facebook.

perceptíveis dessas influências sofridas em seu percurso constitucional. Um bom exemplo, das variações que carregam as marcas de seu meio, a variação regional (ou diatópica), por exemplo, é o do nome das coisas, onde “pode ser que o falante não saiba que ‘jerimum’, palavra muito usada na Bahia, corresponde a ‘abóbora’, termo muito mais comum nos estados do Sul e Sudeste de nosso país” (idem, 2002, p. 163). Outros exemplos de variação podem ser os de ordem histórica, onde, em relação à norma-padrão, pode-se dizer que a mesma é determinada pela época histórica. “A padronização é sempre historicamente definida. (...), cada época determina o que considera como forma padrão: determinadas pronúncias, construções gramaticais e expressões lexicais” (ALKMIM, 2001, p. 40). Alkmim (2001, p. 40) esclarece que “as línguas mudam incessantemente, e a definição do ‘certo’, do ‘agradável’ e do ‘adequado’ também”. Desta feita, e ainda conforme Alkmim (2001, p. 41), “o que é padrão pode tornar-se não padrão, e o que é considerado não padrão pode ser estabelecido como padrão. A história da Língua Portuguesa oferece-nos inumeráveis exemplos dessa ordem de fatos”.

Consideremos, a propósito, os seguintes exemplos do século XVI: - as formas “dereço”, “despois”, “frecha”, “frito”, “primeiramente”, hoje desabonadas, são encontradas no texto da carta de Pero Vaz de Caminha, de 1.500; - as formas “fruta”, “escuitar”, “intonce”, assim como as construções sintáticas “deseja de comprar” (com a presença da preposição *de*) e “se esta gente, cuja valia e obra tanto amaste/não quero que padeçam vitupério” (concordância do sujeito *gente* com o verbo flexionado no plural) – hoje consideradas incorretas – são encontradas em *Os Lusíadas*, de Camões (1572) (ALKMIM, 2001, p. 41).

Portanto, variações linguísticas “são diferentes formas da nossa Língua que veiculam um mesmo sentido” (BELINE, 2002, p. 165). É o que faz com que “numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar - variação diatópica - seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando - variação diafásica” (ibidem, 2002, p.164), também a variação histórica ou diacrônica - entre outros tipos de variações, e ser entendido pelo seu grupo, pela sua comunidade linguística. Em síntese, pode-se dizer que as variações Linguísticas “são detectáveis no léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe do Português brasileiro, explicando-as com base na localização geográfica dos falantes e em aspectos sociais, tais como escolaridade do falante e formalidade ou informalidade da situação de fala” (BELINE, 2002, p.169). Sobre esse assunto, e num pensamento didático-pedagógico, os PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 29) nos dizem que

Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais.

Isso nos mostra que “o uso de uma ou outra forma de expressão depende, sobretudo, de fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero (sexo), da relação estabelecida entre os falantes e do contexto de fala” (BRASIL, 1998, p. 29). Vem apenas legitimar, na verdade, de que isto é comum em toda língua. Nunca haverá apenas uma forma de registro idiomático, mas sim formas condicionadas e moldadas por situações sócio comunicativas em que estão inseridos os seus falantes. A imagem de ‘língua única’ ou ‘língua-modelo’ não se sustenta diante da diversidade sócio-político e econômica em que está inserido o nosso país.

1.1.1 A Sociolinguística e as variantes de faixa etária, sexo, escolaridade etc.

O ramo da Linguística que nos permite “enxergar” a língua e a linguagem por um ponto de vista que passa pelas condições de inserção social, etária, regional e econômica do falante é a Sociolinguística. O precursor dessa ciência é o linguista William Labov, juntamente com outros pesquisadores que, com ele, desenvolveram na época alguns tratados e estudos sobre esse assunto (LABOV, 2008). Sobre esse advento da nossa época⁴, Dantas et al (2014, p. 1) nos diz que

A Sociolinguística é a área de estudos linguísticos que tem como objeto de estudo as relações entre língua e sociedade, considerando-se a língua como um sistema de vários níveis integrados num todo historicamente estruturado. Contrariando os estudos linguísticos desenvolvidos desde o século XIX, os

⁴ Coelho (2010) considera a Sociolinguística um ramo pós-estruturalista da Linguística, juntamente com a Pragmática e Análise do discurso. In: **COELHO**, Izete Lehmkuhl [et al]. **Sociolinguística** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf, acesso em 26/07/2015.

estudiosos da teoria da variação propõem um novo questionamento sobre a língua: que ela seja compreendida não como um sistema estruturado homogêneo, mas como sistema heterogêneo ordenado.

É justamente esse o fundamento da Sociolinguística: de que a Língua não é uma entidade homogênea, como alguns acham, mas sim heterogênea e diversificada. Se a Língua de um povo é um produto social, e se essa sociedade em questão é heterogênea (principalmente o Brasil que é um país cheio de desigualdades de caráter social e econômico), logicamente que o idioma, como produto de seus falantes (a população de todas as classes), é, indubitavelmente, de natureza heterogênea. Daí o fato de não existir uma língua pura e única no uso, mas sim variedades desta, sejam do ponto de vista dialetal (diferenças regionais, históricas e de classes sociais: diatópica, diacrônica e diastrática) ou de registros (de acordo com o uso de cada um e das adequações de uso em sociedade – os estilos monitorados ou não). “William Labov inaugurou essa área quando estudou o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard (1963), em Massachusetts (EUA). Após, várias outras pesquisas seguiram, a exemplo da estratificação social do inglês falado em Nova York (1966)” (DANTAS et al, 2014, p. 1), dentre outras. Neste estudo,

Labov relacionou fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha, no que se referia à pronúncia de determinados fones do inglês (as vogais dos ditongos [ay] e [au]) ao qual se seguiram estudos sobre a do inglês, estratificação social Inglês falado na cidade de Nova York (1966) (SILVA, 2011, p. 51).

Dessa forma se deu o surgimento das investigações sociolinguísticas como mais um ramo da Linguística.

Assim, e com esses aspectos, a Sociolinguística fez o caminho contrário do Estruturalismo, considerando os aspectos externos à Língua, e não apenas os internos, como fez Ferdinand Saussure com o último (o Estruturalismo), onde sabemos que os aspectos sociais e humanos são influenciadores diretos da Língua.

Aos efeitos dessas considerações “dão-se o nome de variantes, que são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (SILVA, 2011, p. 51). As influências da condição do falante impregnadas no uso que o mesmo faz da língua são de ordem regional – variações diatópicas; de ordem histórica –

variações diacrônicas, como também de ordem econômico-social, ou seja, deriva de diferenças existentes entre classes sociais, dos extratos sociais, muitas vezes geradas por conta de melhores, ou piores condições de vida que uma tem em detrimento de outra – essa chamada de variação diastrática.

Se o Português varia, imagina o Português Brasileiro (a partir daqui PB)? É notório que existem diferenças entre o modo de falar do português brasileiro e do português de Portugal. As diferenças fonéticas (trata-se da pronúncia dos sons), o brasileiro diz “eu sei”, o português diz “eu sâi”. As diferenças lexicais ou de vocabulários (trata-se das palavras que existem lá e não existem aqui, e vice-versa), como “cacetinho” e “bicha”, que vendo no livro didático, no capítulo que trata do fenômeno variacional da Língua⁵, os alunos acham engraçado, porém na variante lusitana nada mais é do que, respectivamente, “pãozinho” e “fila”. No modo de organizar as frases, orações e partes que as compõem também há diferenças, são as diferenças sintáticas. Outro dia, lendo notícias de uma fanpage de Portugal que sou seguidora no Facebook (a partir de agora FB), me dei conta de que, no Brasil, usamos “estou falando com você”, em Portugal, “estou a falar consigo”. A abordagem desses aspectos do nosso idioma nas aulas de Português do Ensino Fundamental é, a meu ver, muito prazerosa, para a turma e para o professor. Já quanto ao significado das palavras, chamados de diferenças semânticas, ‘cueca’ por exemplo, são as calcinhas das brasileiras. E ainda há outras diferenças a serem explicitadas.

Vejamos alguns condicionantes de variação, com base no PB, retiradas do livro *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula* (BORTONI-RICARDO, 2004):

Grupos etários (grifo da autora)– [podem ser considerados fenômenos diacrônicos] No interior da família, há diferenças sociolinguísticas intergeracionais: os avós falam diferente dos filhos e dos netos etc. O mesmo ocorre na sociedade como um todo. Uma aluna de pedagogia que trabalha de dia em uma casa lotérica me relatou um episódio ilustrativo das diferenças linguísticas associadas a grupos etários. Um cliente, já idoso, sempre a procura para fazer o jogo e um dia lhe disse: “Moça, qual é a sua graça?”. Ela ficou sem entender e sem saber o que responder. (...) Também no

⁵ CEREJA, William Roberto. “A Língua em foco: Variedades Linguísticas”. In: *Português: linguagem* _ 6º Ano: Língua Portuguesa. 7. Ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2012, p. 36-

vocabulário de campos semânticos relacionados a sexo e excreção, que geralmente contém muitas palavras-tabu (...) (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47).

Já em relação às variações de gênero, também sabemos que homens e mulheres falam de maneiras distintas. “As mulheres costumam usar mais diminutivos. (...) Usam também mais partículas como “né?”, “tá?”, “tá bom?”, que são chamadas de marcadores conversacionais e que cumprem várias funções na conversa” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47). No caso dos marcadores que são mais usados pelas mulheres, “eles têm principalmente a função de obter aquiescência e concordância do interlocutor. A linguagem dos homens, por outro lado, é mais marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas. (...)” (ibidem, p. 47). Essas variações entre os repertórios feminino e masculino são relacionados aos papéis sociais que são culturalmente condicionados (ídem, 2004). Sabemos, também, que as “diferenças entre o repertório masculino e feminino podem ser verificadas no comportamento comunicativo não verbal, como a direção do olhar, a postura do tórax e da cabeça, os gestos, a aproximação entre os interlocutores etc.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 48).

Para terminar esse assunto sobre as variedades mais difundidas pelos manuais didáticos, posso dizer que o fator sócio-político-econômico é o condicionador mais importante para entendermos os fenômenos de heterogeneidade da língua (BAGNO, 1999). Certamente é o reflexo da estratificação socioeconômica da nossa sociedade. Sobre isso nos diz Bortoni-Ricardo (2004) que “diferenças de status socioeconômico representam desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolinguísticas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 48). Este fator é muito relevante, considerando que, em nosso país, a distribuição de renda é muito desigual.

Sobre o grau de escolarização dos falantes, a autora citada acima nos diz que “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 48). Observe que estes fatores estão intimamente ligados ao status socioeconômico, na sociedade brasileira.

E sobre os jargões e reflexos linguísticos do mercado de trabalho, pode-se dizer que “as atividades profissionais que um indivíduo desempenha também são um fator condicionador de seu repertório sociolinguístico” (idem, 2004, p. 48). “[algumas profissões, ou profissionais] precisam ter maior flexibilidade estilística e ser capazes de variar sua fala numa gama de estilos, dominando com segurança os estilos mais monitorados” (ibidem, p. 48). Em vista de

todas essas informações podemos nos certificar de que a língua é intrinsecamente heterogênea, ou seja, múltipla, variável, instável, estando assim, sempre em construção e desconstrução. “As línguas diferem entre si em numerosos aspectos, e essas diferenças correspondem ao patrimônio expressivo da humanidade” (Alkmin, 2001, p. 41). Nessas diferenças reside a riqueza expressiva de cada língua. É em função disso que reconhecemos que esse era o momento de tratar das questões do preconceito linguístico em nossas aulas de língua materna.

1.2 Variantes e estigmas: a importância de refletir sobre as práticas de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa

As formas de expressões reais de uma língua são “segregadas” do padrão considerado culto por causa de alguns estigmas, marcas linguísticas de usos, condicionadas por fatores sociais, regionais e econômicos, entre outros, que, perante aos pertencentes às classes letradas e economicamente estáveis, as fazem diferentes (ou ‘piores’) da variante de prestígio. Dessa forma, “estigmas são julgamentos bastante negativos que os grupos sociais hegemônicos fazem sobre os grupos subalternos, seja por seu modo de ser, por sua cultura e, obviamente por sua língua” (BORTONI-RICARDO, 2013, p. 47). Sabe-se que,

Considerando o forte estigma que sofrem as variedades populares no Brasil, mais produtivas nos grupos sociais de baixa escolaridade, os especialistas deram especial ênfase ao fato de que as variantes não padrão de uma regra variável não são erros linguísticos, são tão somente formas diferentes da variante de prestígio (BORTONI-RICARDO, 2013, p. 46).

Certamente, e segundo Stella Maris Bortoni-Ricardo (2013, 46), esses julgamentos sobre o falante são desnecessários, pois usuários de variedades estigmatizadas também argumentam oralmente com coerência e lógica. Lamentavelmente, tudo isso, muitas vezes, se transforma em discriminação e preconceito linguístico com alguns falantes e suas comunidades de fala.

Sobre o que escutamos, em nossos meios sociais, a respeito da variante de prestígio em detrimento das outras, diz-se que o “brasileiro não sabe Português” e que “Português é muito difícil”. Sem falar no fato de alguns registros de fala ou escrita de pessoas, pertencentes a essas comunidades estigmatizadas, serem taxados, pessoalmente, ou mesmo nas Redes

Sociais, de “errados” ou “feios”. Denigrando, assim, a pessoa desses falantes de “analfabetos” e lhes dando outros rótulos preconceituosos, causando a esses constrangimentos e marginalizações sociais. A partir desses fatos podemos, em uma reflexão, perceber facilmente que se trata de um preconceito político-econômico e não apenas linguístico, já que esses insultos vêm sempre de comunidades que se dizem ‘letradas’ e economicamente ‘dominantes’, como no fato ocorrido no ano passado, que culminou na criação do movimento do ‘Orgulho Nordestino’⁶. Ou seja, algumas pessoas enxergam a norma culta da língua como se esta fosse a única, como se todos fizessem uso dela e que todas as outras formas fossem inadequadas, onde sabemos que todas as variantes são adequadas no sentido em que completa sua função: o cumprimento do seu efeito comunicativo.

Estes são alguns dos mitos que compõem um preconceito muito presente na cultura brasileira: o linguístico. Tudo por causa da confusão que se faz entre língua e gramática normativa, “que não é a língua, mas só uma descrição parcial dela” (BAGNO, 1999). Com essas palavras Bagno (1999) se refere à variante considerada ‘padrão, em que é apregoado o uso uniforme pela Gramática Normativa da língua. A mencionada variante linguística não é vista apenas como mais uma dentre tantas outras que refletem o PB, mas sim como a mais correta, bonita e melhor.

A variedade padrão é a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação (ALKMIN, 2001, p. 40).

⁶ O recado era direto: "**Diga ao mundo: sou nordestino, sim**". A resposta foi rápida: na base do boca a boca, mais de 1,7 mil moradores de Estados como Sergipe, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais aceitaram o chamado. Eles associaram suas fotografias ao site "[Nordestino Sim](#)", criado em menos de três semanas para celebrar, por meio de um mosaico de diferentes cores, idades e gêneros, o orgulho de quem nasce na região. Lançado em 8 de outubro, o site ganhou fôlego durante a onda de mensagens discriminatórias publicadas nas redes sociais na reta final das eleições. E não foi só ele. Em resposta a mensagens como "só foram feitos para comer farinha, fazer filho e ganhar Bolsa Família", outras manifestações de defesa à cultura e aos cidadãos nordestinos se espalharam pelas redes. É o caso da hashtag **#SouDoNordesteMesmoEComOrgulho**, que em menos de uma semana foi compartilhada mais de 100 mil vezes e ganhou adeptos como o escritor Paulo Coelho e o rapper MV Bill. Logo após a divulgação do resultado das eleições, no domingo, a frase chegou ao topo da lista de assuntos mais discutidos no Twitter em todo o mundo. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141027_salasocial_eleicoes2014_orgulhonordestino_rs>.

Como vemos, ela é “socialmente mais valorizada”, porém não é a única.

A língua tem “a cara” da sociedade que a fala. A diversidade linguística é inerente à heterogeneidade de uma sociedade cheia de desigualdades, como é a nossa.

Os professores mais conscientes da problemática sociolinguística brasileira procuram trabalhar a partir dessa realidade diversificada, sem estigmatizar a variação dialetal, pelo contrário, valorizando-a, ao tempo em que desenvolvem o seu trabalho numa linha crítica que assume de fato o que alguns têm chamado de situação diglósica, já que se tem diante e, de fato, indivíduos que são portadores de determináveis normas dialetais, mas que devem, entretanto, estar pelo menos conscientes da existência de outra socialmente exigida a um indivíduo escolarizado, sobretudo em determinada situações sociais, entre elas a de professor de português, que muitos objetivam vir a ser (MATTOS E SILVA, 2014, p. 18).

Como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) (a partir daqui PCNs), o professor de Língua Materna deve estar sensível ao fato da pluralidade de culturas e da diversidade linguística, dando oportunidade ao aluno de conhecer todas as variedades sem preconceito. Pois o professor

Que é sensível aos antecedentes sociolinguísticos e culturais dos alunos empenha-se em duas tarefas: explicar o fenômeno que se apresenta em variação na língua e demonstrar a situação adequada ao uso de cada uma das variantes da regra. Agora você já está pronto/a para compor o seu diálogo com o final feliz (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 44).

Portanto, e complementando o exposto acima, o professor deve ser esse mediador entre o aluno e o domínio de todas as variedades linguísticas disponíveis, elucidando os mesmos a respeito das adequações sociais e condições de uso, advertindo-os quanto ao monitoramento em certas ocasiões. Sendo a linguagem uma atividade discursiva, o aluno deve ter, por meio de análises reflexivas, acesso aos múltiplos aspectos que a envolvem. O professor deve expandir, nesses alunos, as suas competências comunicativas. Pois conforme os PCNs do Ensino Fundamental II (BRASIL, 1998, p. 82), “o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência

discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa”. Ainda conforme os PCNs, também se sabe que

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (...) Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência (BRASIL, 1998, p. 81-82).

Com efeito, dessas afirmações, se torna imprescindível o professor dar espaço ao estudo das variantes da nossa língua em meio às suas aulas, pois como sujeitos em processo de construção, as identidades dos jovens estão imbricadas à linguagem que falam. Assim sendo,

Aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade de natureza reflexiva, uma atividade de análise linguística supõe o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as suas restrições impostas pelo gênero e pelo suporte (BRASIL, 1998, p. 27).

Para terminar, reconhece-se que, nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, é imprescindível, também, a abordagem das variedades não padrão, para dar ao aluno a oportunidade de conhecer outros usos linguísticos e suas comunidades falantes, assim como também, “para que não se reproduza em seu espaço [o da sala de aula] a discriminação linguística. (...). Não se pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional (...) como se fossem desvios ou incorreções” (BRASIL, 1998, p. 82).

1.3 Identidade e empoderamento numa nova concepção de ensino pelos PCNs

Os PCNs (1998) preconizam para o ensino do Português numa abordagem dos vários usos em que se apresentam a linguagem em suas manifestações orais e escritas, já no Ensino Fundamental. As orientações oficiais (BRASIL, 1998) primam pela pluralidade cultural e, com efeito, a abordagem das demais variedades que comportam a Língua, mesmo também as ditas “estigmatizadas”, é necessária para desmistificar o preconceito e elucidar de que todas elas são legítimas, se completam, em seu uso efetivo, a comunicação com eficácia em sua comunidade falante. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2013, p. 54) nos diz que

A língua oral, por seu lado, é o território da variação inerente. A variação é de sua própria natureza e é um recurso fundamental para que os falantes marquem suas identidades, seus papéis sociais, seu alinhamento com o interlocutor, enfim, para que amoldem a forma de sua fala à função que essa está desempenhando no processo interacional. Na língua oral, portanto, o indivíduo tem a variação a seu dispor, cabendo-lhe aprender na escola e na vida a ajustar a variante adequada a cada contexto de uso.

A autora reitera que “aos alunos não se podem sonegar os recursos linguísticos que os habilitarão a modular sua fala (e sua escrita) conforme o que se espera deles, em qualquer papel social que tenham de desempenhar” (ibidem, p. 53). Isso seria o mesmo que negar-lhe o reconhecimento de sua identidade linguística, como “instrumento” que usou, até então, para se comunicar. “Aprender na escola que existem modos diferentes de falar, que podemos ajustar de acordo com as circunstâncias, é um passo importante na formação de nossos jovens” (Bortoni-Ricardo, 2013, p. 53), completa a autora. Reafirmando também que devemos reconhecer todas as variantes comunicativas utilizadas como dignas de abordagem na escola. Por isso a contribuição da sociolinguística é crucial na formação dos professores e nos círculos escolares nas escolas brasileiras (ibidem, p. 53). A esse respeito, já alertava Paulo Freire dizendo que

Teríamos a necessidade de se partir da realidade do aluno, observar sua cultura, respeitando sua trajetória e, em seguida, criar condições para que novos elementos sejam incorporados às situações já vivenciadas por esse

educando, propiciando a sua inclusão, de fato, no ambiente social (FREIRE, 1983, p. 109).

Pois, para Freire (1983), esse é um processo de empoderamento do falante: partir do que o aluno já sabe, valorizando a variante que ele já usa em sua comunidade linguística, para daí ensiná-lo a dominar a norma de prestígio social, como também a monitorar seus atos de fala e escrita.

É possível planejar um sistema educacional que, a partir da pré-escola, priorize as necessidades efetivas da população brasileira, na sua totalidade diversificada, criando espaços para instituições que permita a qualquer criança uma formação ampla e profunda que considere e respeite como ponto de partida a diversidade cultural e a leve em conta, não para homogeneizá-la, mas para tirar dela o melhor de sua potencialidade, com o objetivo prioritário de enriquecer o patrimônio cultural brasileiro (SILVA, 2004, p. 25).

Assim, a partir da identidade linguística pessoal do aluno pertencente a essas comunidades linguísticas (do dialeto nordestino, da gíria das comunidades periféricas urbanas, do caipira, etc.) pode-se despertá-lo para a compreensão da natureza variacional da língua, mesmo que também o alertando para os aspectos sócio-políticos-econômicos da questão: a de que a variante padrão ainda é a que vai dá-lo reconhecimento e status social e financeiro. Com isso, ao seguir o que manda os PCNs, o professor proporciona ao aluno um empoderamento linguístico, pois dá ao mesmo um domínio sobre as formas variacionais e seus usos, desmistificando os estigmas causados pelo preconceito linguístico e promovendo uma cultura de adequação às várias práticas languageiras e, por consequência, de elucidação e empoderamento sobre todas elas. Chega a ser até uma questão de justiça social!

Nisso tudo, vemos uma nova perspectiva de ensino do nosso PB já no Ensino Fundamental do nível básico escolar, pois não devemos nos omitir de falar sobre o fato de que a linguagem caracteriza o falante. E que nossa cultura, a cultura de nossa região, se identifica com essa linguagem. Portanto, a nossa intenção é de valorizar essa variante, cuja identificação é peculiar a nós, e mostrar que tanto essa como as outras são manifestações da expressão de uso do PB, sem deixar de enfatizar que o domínio da linguagem pregada pela Gramática (a norma padrão) é a que abre as portas para o indivíduo, socioeconomicamente falando. É a que

oferece oportunidades de empoderamento, também, econômico-político-social. Isso é dar ao aluno a oportunidade de conhecer, dominar e respeitar a verdadeira Língua Portuguesa, uma linguagem heterogênea (como todas as outras) e que reflete a heterogeneidade da sociedade brasileira. Obedecendo a esses preceitos,

Ensinamos nossos alunos a usar os recursos da variação oral para tornar sua fala mais competente, respeitando, contudo, suas características demográficas, e ensinamos nossos alunos a usar a ortografia: a grafia normatizada, fixada, canônica (BORTONI-RICARDO, 2013, p. 54).

“É por isso que a sociolinguística abomina: referir-se a erros quando se trata de fala, considerando-os, todavia, quando são transgressões ortográficas”, completa a autora (idem, p. 54). Vê-se, portanto, que é uma questão de reflexão e compreensão a respeito das adequações sociocomunicativas cotidianas, coisa que o professor deve esclarecer aos seus alunos em suas aulas de Língua Portuguesa.

2 CAPÍTULO II: AS TICS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO

É um fato notório e evidente nos dias atuais “a presença crescente dos meios de comunicação na vida cotidiana” (BRASIL, 1998, p. 89). A Internet, hoje, é a principal delas, “[...] com mais de 37 milhões de usuários só no Brasil, (...)” (MURANO, 2011). Assim, com cada vez mais usuários, “o acesso à rede no Brasil aumentou 35% entre 2008 e 2009 [...] e está criando novos hábitos de comunicação entre as pessoas, que acabam se adaptando às facilidades da nova tecnologia” (idem, 2011). Dessa forma, esses meios tecnológicos de comunicação têm se tornado algo popular e ao alcance de todos.

2.1 O uso das TICs: Redes Sociais como ferramentas pedagógicas

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são verdadeiras aliadas do convívio social e, por consequência e conveniência, da Educação. Sobre as ferramentas virtuais de ensino, Tavares et alli (2011, p. 10) dizem que “o usuário que souber explorar a inteligência dessas ferramentas será capaz de navegar no universo de informações da Web e chegar aos destinos desejados”, pois a Internet ligou todas as pessoas em rede, e essa ligação serve para quase todos os fins, e estudar é um deles. Isso “coloca, para a sociedade em geral e para a escola, em particular, a tarefa de educar crianças e jovens para a recepção dos meios” (BRASIL, 1998, p. 89).

As possibilidades de uso da Internet para fins educacionais e, em particular, para o ensino-aprendizagem de leitura se multiplica à medida que novas ferramentas digitais são disponibilizadas e popularizadas e à medida que novas formas de utilizar pedagogicamente tais ferramentas são experimentadas e compartilhadas (TAVARES, 2011, p. 132).

“(...) Como as ferramentas são apenas sistemas de computador e, por conseguinte, incapazes de interpretar as intenções ou necessidades específicas dos usuários, resta a estes, então, aprender a extrair o máximo das ferramentas de busca por meio de uma negociação de significado” (TAVARES et alli, 2011, p. 10). E sabendo que “o principal objetivo do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver as competências comunicativas dos falantes em diversas situações de comunicações” (TRAVAGLIA apud MARCHON, 2013, p. 9), e que “isso vale tanto para a leitura, em vista da profusão de textos veiculados na rede, quanto para a escrita,

principal meio de expressão do internauta (pelo menos até que as conversas "via voz" se tornem mais corriqueiras)" (MURANO, 2011). Percebe-se, dessa forma, que as redes sociais ganham um papel especial, em nosso tempo, no concernente ao uso dessas competências entre sujeitos. Assim sendo, "é uma prática muito divulgada e evidente, em sua eficácia, o trabalho em sala de aula (...) com gêneros textuais⁷, integrando diferentes áreas de conhecimento" (DUBEUX, 2012, p. 27). Nesses meios, encontram-se diversos tipos de representações escritas, da pluralidade linguística, do nosso Português. E, havendo nas Redes Sociais uma possibilidade de adequação ao ensino/aprendizagem, vale a pena refletir sobre "essas mediações" como apoio ao desenvolvimento cognitivo e à evolução escolar dos nossos alunos. Nelas, podemos efetivar uma prática de relações e contatos entre Internet, texto e leitura.

A utilização de páginas de Redes Sociais para fins de ensino aprendizagem dentro das multimodalidades de gêneros eletrônicos e textuais tem espaço imprescindível, nos dias atuais, no campo da Educação. "Não há como negar que as novas tecnologias da informação cumprem cada vez mais o papel de mediar o que acontece no mundo, 'editando' a realidade" (BRASIL, 1998, p. 89). As Redes Sociais são o que há de mais útil e versátil que já se ouviu falar nos nossos dias. Elas são utilizadas para quase tudo que as pessoas necessitam. São usadas para protesto, exibição, promoção social e fama, além de outros usos no que concerne à comunicação, informação e relacionamentos. Enfim, são inúmeras as suas funções e utilidades, num universo muito amplo de informações virtuais da Web. E ainda é possível chegar a uma otimização ainda maior dessas ferramentas. Tudo com condições de refletir sobre pontos importantes em torno da formação de leitores da era digital, sem falar que os alunos já estão familiarizados com essas mídias. Ainda que não queiram misturar educação com o lazer, eles já sabem utilizar essas ferramentas, por isso fica mais fácil explorar seus recursos.

Existem várias Redes Sociais utilizadas diariamente por todos, como o Twitter, o Instagram, o Skype, o My Space⁸ e o Facebook, entre outras. Esta última superou todas as demais em números de adeptos. O Facebook é uma dessas possibilidades multifacetadas, pois

⁷ Os Gêneros textuais são as estruturas com que se compõem os textos, sejam eles orais ou escritos. Essas estruturas são socialmente reconhecidas, pois se mantêm sempre muito parecidas, com características comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gêneros_textuais).

⁸ No livro "O efeito Facebook", de David KirkPatrick, encontra-se mais detalhes sobre essa rede contemporânea ao Facebook. É uma rede de relacionamentos e contatos para artistas e bandas "não tão famosas".

possui, em uma única rede social, inúmeras ferramentas exploráveis. Os materiais para estudo, leitura e reflexão são alguns desses.

Esses textos podem ser trabalhados através de dispositivos móveis, para fins de ensino aprendizagem na escola. Sabe-se que o Facebook pode ser uma ferramenta versátil em sala de aula, pois quase todos os alunos têm criada uma conta. Com isso podemos combater o uso aleatório em sala e transformar esse instrumento num objeto de uso utilitário, numa ferramenta pedagógica. Para esse fim, o computador móvel (nesse caso, o celular) pode ser um aliado, pois além de ser mais barato, caiu na popularidade, principalmente dos jovens. Segundo uma entrevista do vice-presidente da Google (Hugo Barra) para a “Veja” (24/04/13, p. 17),

Celulares com o sistema operacional Android, do Google, já ultrapassaram as vendas do iPhone, e Barra acredita que é possível superar a Apple também no mercado de tablets. (...) 2013 marcará a substituição dos tradicionais PCs por smartphones, tablets e outros dispositivos móveis como os computadores usados pelas pessoas no dia a dia (VICILIC, 2013, p. 17).

Portanto, hoje em dia, todos dispõem desse recurso. E trabalhar com o texto virtual em sala de aula, virou tarefa fácil. É mais viável trabalhar com computadores e dispositivos móveis dos alunos do que da escola, haja vista que nem toda escola tem seu ‘Laboratório de Informática’ funcionando com Internet. A instituição em que leciono passa por esse problema, assim como muitas outras escolas públicas do nosso país. Dessa forma, o celular pode ser empregado como uma ferramenta de ensino na sala de aula.

2.2 Facebook e diversidade linguística

A respeito desse meio virtual da nossa época, o Facebook, sabemos que “Mark Zuckerberg e Cia. lançaram o ‘The facebook’ em fevereiro de 2004 apenas para estudantes de Harvard. A página de abertura já indicava ambições maiores” (KIRKPATRICK, 2010, p. 193). “Eduard Saverin, um ano à frente de Zuckerberg em Harvard, era um gênio em matemática. Com experiência empresarial, ajudou a financiar o lançamento do The facebook” (idem, 2010, p. 196). Mais tarde, ele e os demais fundadores vieram à separação da equipe. Tal equipe

Foi [iniciada] em 2004 e, a principio, era uma rede de relacionamento restrita para os universitários de Harvard. Foi no ano de 2006 que foi aberta para o público. O Facebook, de acordo com o site socialnetworkingwatch, é com folga a maior rede social do mundo ultrapassando um bilhão de usuários. Nos últimos 6 meses, com a adesão de 16,6 milhões de novos usuários brasileiros, ultrapassou o orkut totalizando a estimativa atual de 50 milhões (79% dos jovens que usam a internet). Estes passam em média 7,5 horas por mês conectados a rede social na maior parte do tempo vendo vídeos e sites de humor conforme o site comScore (JULIANI, 2012, p. 3).

Segundo as informações que constam na obra “O efeito Facebook”, de David KirkPatrick (2010, p. 208), “a renda da empresa alcançou quase um bilhão de dólares por ano. O Facebook tornou-se um dos primeiros lugares em que pessoas insatisfeitas de todo o mundo apresentam suas queixas, seu ativismo e seus protestos” (idem, 2010, p. 280). “Essas campanhas no Facebook funcionam porque suas ferramentas de comunicação viral permitem que um grande número de pessoas fique ciente de um problema e se aglutine rapidamente” (ibidem, p. 280). Por essas afirmações feitas acima vemos que o Facebook é, atualmente, uma ferramenta tecnológica poderosa de comunicação que dispomos dela na nossa sociedade. Dentre as formas de utilização do FB, há também as de finalidade pedagógica e de comunicação interlocutora com esse fim. É sobre essa que nos deteremos a seguir.

2.2.1 O Facebook na Educação

O Facebook é hoje uma das TICs mais usadas para vários fins didáticos, e outros fins também, num uso interacional de grande efeito unificador. Essa interface, hoje, é a rede de relacionamentos mais acessada no mundo⁹, por isso a sua versatilidade em todos os âmbitos, principalmente o escolar.

Essa Rede Social é hoje reconhecida como um fenômeno midiático, pois abarca em suas funções utilitárias o uso publicitário, a comunicação interpessoal e de relacionamentos, o uso jornalístico, grupal, etc, inclusive, educacional. A respeito disso, sabemos que o FB

Está unindo o mundo. Tornou-se uma abrangente experiência cultural partilhada por pessoas em todo o planeta, especialmente jovens. Apesar de seu início modesto como um projeto de faculdade de um rapaz de 19 anos de idade, tornou-se uma potência tecnológica com influência sem precedentes

⁹ KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo** (trad. de Maria Lúcia de Oliveira). Intrínseca Editora: Rio de Janeiro, 2010.

sobre toda a vida moderna, tanto pública quanto privada. Sua composição inclui as mais diversas gerações, geografias, idiomas e classes sociais. Talvez seja, na realidade, a empresa de mais rápido crescimento de toda a história. O Facebook é ainda maior em países como o Chile e a Noruega do que nos Estados Unidos. Ele muda a forma como as pessoas se comunicam e interagem, como os comerciantes vendem seus produtos, como os governos chegam aos cidadãos e até como as empresas operam. Está alterando a natureza do ativismo político e, em alguns países, está começando a afetar o processo da própria democracia. Já não é apenas um brinquedo para estudantes universitários (KIRKPATRICK, 2010, 20-21).

Como vemos, o FB é um recurso virtual de relacionamentos sociais dos nossos dias, onde foi possível a modificação de toda uma forma que existia de se relacionar com as outras pessoas depois de seu advento. Porém, não é só isso. Houve com essa novidade virtual o surgimento de inúmeras possibilidades de aperfeiçoar uma Rede Social a serviço de vários fins. O FB revolucionou a comunicação entre pessoas, derrubou barreiras de distância, além de oferecer um leque de possibilidades de temas, áreas, assuntos, linguagens, textos, enfim, é “um mundo” de possibilidades de leituras e de possíveis alvos de análises linguísticas, entre outras análises que possam interessar.

Ao construir a rede social, Zuckerberg transferiu um pouco de seu próprio poder para todos os usuários (KIRKPATRICK, 2010). E isso é o que torna o FB a mais atraente de todas as Redes Sociais: o seu poder de estar sempre surpreendendo, trazendo novidades, inovando com a evolução dos dias e dos acontecimentos do nosso planeta.

Assim, “o Efeito Facebook tem implicações potencialmente profundas para a mídia. Nesta rede, todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores. Os clássicos papéis da velha mídia estão sendo desempenhados por todos” (KIRKPATRICK, 2010, p. 14). Com o poder de “protagonista” nas mãos, o usuário edita textos, reedita, lança produtos, promove uma marca, interage e orienta um grupo de discípulos (seguidores, fãs, alunos) num compartilhamento de saberes mútuo e contínuo. É necessário, para que isso aconteça, apenas “integrar-se a uma lista de outros usuários com os quais partilham uma conexão” e “ver e percorrer suas listas de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema” (idem, 2010, p. 67).

A promoção para fins educacionais certamente seria a mais importante das funções do FB. Com a “intimidade” que as pessoas já têm para interagirem com esse veículo de comunicação e interlocução, os efeitos surtidos com esse intento, seriam, com certeza, uma

empreitada de sucesso garantido, como se verifica, hoje, em alguns projetos¹⁰ já conhecidos no nosso meio acadêmico. “Zuckerberg professa um profundo desejo de garantir que o Facebook continue a ser uma força benigna na internet e na sociedade. ‘Você precisa ser bom para conseguir a confiança das pessoas’, diz ele” (KIRKPATRICK, *ibidem*, p. 300). “Em última instância, a ideia de Mark Zuckerberg é dar poder ao indivíduo” (*ibidem*, p. 315). Para ele, a coisa mais importante que o FB pode fazer “é dar às pessoas ferramentas que lhes permitam se comunicar de forma mais eficiente e prosperar em um mundo no qual estamos cada vez mais cercados de informações, não importa o que fizermos” (*idem*, 2010, p. 315). Portanto, como acabamos de ver, o FB com todo esse potencial de comunicação entre sujeitos emissores e receptores é uma rede de unificação dos membros de uma sociedade, que se faz através da interlocução destes de modo virtual. É nessa perspectiva que o mesmo nos interessa: como fontes linguísticas, no concernente às pesquisas, à busca de dicas gramaticais, como referência de leituras de textos da diversidade linguística que o nosso PB representa, e que deve ser levado em conta nas aulas de Língua Materna.

2.2.2 O Facebook e as fanpages: a popularidade das Redes Sociais e suas aplicabilidades em sala de aula

Dentre tantos outros temas e assuntos, o FB também traz várias fanpages que valorizam, divulgam e promovem grupos sociais e ideias relativas a esses grupos. Algumas das páginas que mais me chamam a atenção são as de valorização de culturas regionais e de variedades linguísticas do Brasil. Vejo nelas, portanto, um potencial interessante de estudo da Língua Portuguesa para ser explorado em sala de aula. Devemos aproveitar essa ferramenta incrível chamada Facebook para trabalhar o que há de interessante, para nós professores, em termos de linguagem e texto. Aproveitar as oportunidades que surgem para trabalharmos com aspectos reais da língua através dos meios virtuais disponíveis é, hoje, obrigação do educador. É, justamente, nessas observações que percebemos “o impacto das transformações que nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade” (MURANO, 2011). “(...) Reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial (...), e perceber as múltiplas possibilidades

¹⁰ Basta buscar “os usos do Facebook para fins educacionais”. Esta Rede Social, hoje, é a mais usada em sala de aula para várias atividades da relação aluno-escola. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/05/25/936671/100-maneyras-usar-facebook-em-sala-aula.html>.

que ela pode nos apresentar, (...)” (MURANO, 2011) é algumas das coisas que o professor da atualidade tem de perceber e saber administrar em sua prática pedagógica diária. São essas oportunidades de otimização do tempo e dos recursos disponíveis a que me refiro quando falo em “aproveitar oportunidades encontradas em sala de aula”, pois as mesmas (as oportunidades encontradas em recursos virtuais diversos) além de ser útil num possível estudo de análise, proposta pelo professor, amplia o repertório de leituras do aluno.

Não só a leitura como também a escrita foram favorecidas pela explosão da comunicação na internet observada na última década, que proporcionou um contato maior das pessoas com atividades que envolvam a escrita - como deixar um recado na página de um amigo, escrever um e-mail ou postar textos num blog. Também é inegável que sites de relacionamento - como Orkut, Twitter e Facebook, só para citar os mais conhecidos - tornaram o ato de escrever mais banal e cotidiano, sem nenhum prejuízo nisto, uma vez que a escrita elaborada deixou de ser algo exclusivo de escritores e das atividades escolares (MURANO, 2011).

Tudo isso significou no meio educacional possibilidade de avanço: o meio virtual tecnológico a favor da prática de ensino-aprendizagem de diversas áreas e conteúdos. Nas Redes Sociais “os indivíduos passam não só a ter acesso a todos os tipos de informações e conteúdos, como também passam a elaborar, criar [...] conteúdos produzidos por eles mesmos, disponibilizados através de textos, [etc.], acessados em qualquer lugar” (LINS, 2014, p. 4). O FB, por exemplo, aprimorou as antigas listas de discussões e fóruns, acrescentando-lhes um visual mais limpo e elaborado, com diferentes graus de interação acompanhados de recursos audiovisuais como vídeos e outros, tornando a experiência de compartilhar informações ainda mais enriquecedoras.

Por meio de postagens de algumas fanpages é possível trabalhar com análises linguísticas em nossas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação é possível levar para a sala de aula, meios temáticos que trabalhem a busca e a defesa de grupos específicos, seja no âmbito político, linguístico ou cultural. Através do FB podemos trazer essas fanpages como meio de estudos e análises “do linguajar” que com o qual os nossos alunos se identificam.

As fanpages de valorização e promoção de culturas regionais e de comunidades linguísticas do FB são muitas. São páginas que aguçam a identidade do interlocutor (ou

internauta) por meio de apelos imagéticos e textos que refletem as características peculiares a esses grupos sociais. As mesmas causam uma identificação de imediato no sujeito, principalmente em se tratando de regionalidade natal. “Encontram-se cada vez mais páginas no facebook mostrando a cultura e a identidade nordestina, fazendo uso do humor para representar situações que remetem ao cotidiano e à memória coletiva regional” (LINS, 2014, p. 2). Torna-se uma ótima oportunidade de o professor explorar a linguagem destes textos (seja textual, ou imagética) para construir, com seus alunos, uma análise de reflexão sobre as características imprimidas nas práticas languageiras dos sujeitos representados e, com isso, se enquadrar nas propostas metodológicas de abordagem da língua preconizadas pelos documentos oficiais, como os PCNs.

2.2.3 Fanpages de valorização da cultura e da linguagem nordestina

Como as fanpages eleitas para este trabalho são as de personagens/personalidades que usam de linguagem popular regional para se expressar em seus textos, têm-se aqui uma lista das mais conhecidas na região por utilizarem variantes linguísticas e promover uma valorização da cultura nordestina em suas mensagens. Com elas podemos ensinar os níveis de linguagem utilizando suas dicas e seus textos. Reconhecemos que esses “posts” trazem situações de humor bastante típicas de nosso povo, como é o caso do bode (“Bode Gaiato”), mesclado com as expressões regionais (regionalismos) que também são formas de atrair o nosso público por meio da identidade linguística sertanejo-nordestina. É um modo de despertar a consciência identitária dos alunos a partir da reflexão dos mesmos em relação a modos peculiares de uso da Língua na comunidade da qual eles fazem parte, sendo uma excelente opção para análise linguística nas aulas de Português. Não diferente das outras pessoas, os nossos alunos também se divertem muito com as piadas e a linguagem dessas fanpages que divulgam e promovem a pluralidade cultural e a diversidade linguística, principalmente a da nossa região que nos causa orgulho e desperta o nosso senso de identidade.

Essas fanpages além de operar na disseminação da cultura nordestina, desperta no sujeito leitor a percepção da sua identidade linguística, como já havia dito. Assim, elas contribuem para a popularidade dos aspectos linguísticos da nossa região, como a fomentação da identificação cultural dos nordestinos, para o seu senso de pertença a essa cultura e de que modo esse “retorno às origens” pode ser possível na era digital. Com efeito, então, essas fanpages ‘regionalistas’ “mostram a cultura e a identidade nordestina, fazendo uso do humor

para representar situações que remetem ao cotidiano e à memória coletiva regional” (LINS, 2014, p. 12). Levam-nos a valorizar mais nossa região “por meio dos elementos da cultura nordestina identificados na página, sejam expressões típicas e características do Nordeste, sejam os costumes e situações do cotidiano retratadas pelos personagens do ‘Bode Gaiato’” (LINS, 2014, p. 14). Apesar de serem “retratados de forma cômica, acredita-se que a página acaba por contribuir de forma positiva para a disseminação da cultura nordestina e para o fortalecimento da linguagem e da identidade dos nordestinos que seguem e curtem a página” (LINS, 2014, p. 14). É justamente esse fator da diversidade linguística que nos interessa nesta página do FB. Pois, precisamos dar ênfase, nas nossas aulas, ao fato de que há forças, não só internas, mas também externas que atuam sobre a língua. Como professores, temos que compreender que “esses conhecimentos, por sua vez, contribuem para o entendimento de questões como a do preconceito linguístico e para a construção de uma prática pedagógica consciente e reflexiva acerca dos usos linguísticos no ensino de Língua Materna” (SOUZA, 2014, p. 8). Dessa forma, faz-se necessário que o professor de Língua Portuguesa transmita e ensine aos seus alunos “o processo de variação linguística para que eles valorizem a sua própria língua e tornem-se pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente” (SOBRINHO e FILHO, 2011, p. 4).

Seria mais interessante no trabalho com o ensino da aquisição da linguagem e para o desenvolvimento cognitivo da mesma, que o ensino de Língua Portuguesa se concentrasse mais na reflexão da língua falada, da língua em uso real em suas diversas condições de produção por seus falantes. Isso tudo, para que, partindo-se do uso real popular, fossem abordadas e ensinadas as variedades formais. Dessa forma, “a situação do ensino do Português mudaria, pois, logo se descobriria a importância desta mesma língua falada para a aquisição da língua escrita” (SOBRINHO e FILHO, 2011, p. 4). O ensino da Língua pautado na abordagem dos aspectos da mudança de uso e no variacionismo já fora preconizado pelos PCNs (1998) em respeito à pluralidade cultural, às marcas sociossimbólicas do nosso idioma e ao trabalho com as práticas de uso da língua – a análise linguística.

Com vistas nisso é que, hoje,

Já se tem no ensino escolar e nos livros didáticos, alguma noção voltada para a sociolinguística, no entanto, isso é insuficiente para compreender o processo de variação. Primeiramente, é preciso entender que a escola é o palco das diferenças, totalmente diversificada como a língua, pois, o homem

vive em uma sociedade estratificada, em que as condições sociais são responsáveis pelo abismo que ocorre em torno da Língua Portuguesa (SOBRINHO e FILHO, 2011, p. 5).

Percebemos assim, portanto, que essas páginas do FB de apologia à valorização da cultura linguística das regiões do Brasil, principalmente da região Nordeste, nos ajudam com seus textos que reproduzem a língua falada pelo nosso povo nordestino tal qual ela é pronunciada, com marcas fonológicas inclusive, a fazer uma reflexão analítica e levar nossos alunos a compreender que a competência linguística deles não é “errada”, mas sim característica da colonização local e que tudo isso tem uma explicação. Logicamente que um material didático preparado com as postagens dessas páginas, para esse fim, irá atuar positivamente na erradicação do preconceito linguístico e na desmistificação de que “o Português é uma língua difícil”. Pois, assim sendo, os PCNs (BRASIL, 1998) acreditam que os conteúdos de Língua Portuguesa nas escolas devem ser relacionados em função das habilidades dos alunos, por isso, o uso da língua oral deve ser levado em consideração, assim como sua análise e reflexão.

Considerar o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático para todo o professor que pretende realmente ensinar ao discente a sua língua. Há muita prática, ainda persistente, em que a decoreba mecânica da Gramática ainda é reinante. Isso só faz com que o aluno crie uma espécie de ojeriza pelas aulas de Português.

Corrigir a “fala errada” do aluno por não estar em consonância com a norma de prestígio é, absurdamente, inadequado para os documentos oficiais de educação que orientam essa prática no nosso país. Devemos entender que expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Mas, para isso o professor não deve ignorar e nem interferir no sujeito aprendiz, na sua construção e no conhecimento que o mesmo tem da língua.

Esses personagens do Facebook usam de linguagem com aspectos sociossimbólicos¹¹ para se expressar em seus textos. Têm-se aqui uma lista das mais conhecidas na região por utilizarem variantes linguísticas e promover uma valorização da cultura nordestina em suas mensagens. Com elas podemos ensinar os níveis de linguagem utilizando suas dicas e seus textos. Na prática, o professor pode aliar a análise linguística dos textos e seu caráter cômico

¹¹ Aspectos pluringue e pluricultural do idioma e da linguagem, ou pode entender-se, também, como o valor cultural das formas linguísticas.

para encantar os alunos com a linguagem destes personagens. Portanto, as mais conhecidas são: “Português de brasileiro”, “Quer café?”, “Bode Gaiato”, “Suricate Seboso”, “Nação Nordestina” e “Bobagens e Tolices”, etc. Eis algumas delas em imagem:

Figura 1: Fanpage “o Bode Gaiato” e a valorização do ‘linguajar’ nordestino. Publicado em 23 de Julho de 2014. Com 99.119 curtidas e 34.965 compartilhamentos.



Fonte: <https://www.facebook.com/ObodeGaiato/photos/pb.463932880336643.-2207520000.1434641706./805087866221141/?type=3&theater>

Figura 2: Fanpage “Quer Café?”. Regionalismo gaúcho e caipira. Publicado em: 17/01/2014.



Fonte: <https://www.facebook.com/quercafe/photos/pb.177537108933734.-2207520000.1434691902./1023102647710505/?type=3&theater>

Figura 3: Fanpage “Da Língua Portuguesa”. Dicas de prosódia e ortoépia.



Fonte: <https://www.facebook.com/dalinguaportuguesa/photos/pb.419022991451968.-2207520000.1434693279./937758096245119/?type=3&theater>

Nessa primeira imagem (figura 1), vemos um texto de valorização da variante regional nordestina, onde se enaltece (através da mensagem) um termo bem peculiar do nosso linguajar: “Não troco meu ‘oxente’ pelo ‘ok’ de ninguém”.

Além de nosso vocabulário típico, faz utilização, também, de ícones da nossa cultura (como vemos Ariano Suassuna, pela sua literatura). A página do ‘Bode Gaiato’, assim como outras de mesmo cunho, difunde aspectos da nossa culinária, costumes, etc., tudo sem perder o humor. Já na segunda imagem (figura 2), vemos o confronto de duas variações regionais (a mineira e gaúcha), que se confluem na mesma mensagem, como também ‘brincadeiras’ com o homem gaúcho (no trocadilho que é feito). Numa configuração como essa, o professor tem a oportunidade de trabalhar com dois regionalismos do nosso idioma, o gaúchês e o mineirês, sem falar em aspectos peculiares a essas variantes, como os sotaques, por exemplo, que podem ser trazidos à baila, também. E nesta última (figura 3), vemos o texto desempenhando a função metalinguística, explicando a pronúncia da palavra em determinadas regiões do país. São questões, na verdade, de prosódia e ortoépia. Uma postagem como essa pode auxiliar o professor a incitar, nos alunos, a curiosidade pelos aspectos fonológicos do PB, em se tratando

de variações, pois traz a informação de uma forma linguisticamente correta, quando mostra a variação fonética e a forma aceita pelos gramáticos, na norma padrão.

Estas são apenas algumas das mais conhecidas páginas, que se pode utilizar em análise com alunos, neste eixo Paraíba-Pernambuco. Também são as mais compartilhadas, justamente por esses aspectos linguísticos-culturais da região Nordeste. Seus textos são dignos de análise já que o sujeito-aluno se percebe neles, se identifica em sua competência linguística natural. Esse plano didático de trabalho sociolinguístico no ensino básico é, por sua vez, então, um modo de despertar a consciência identitária dos alunos a partir da reflexão em relação a modos peculiares de uso da Língua na comunidade da qual eles fazem parte, sendo uma excelente opção para análise linguística nas aulas de Português. Isso se dá como um veículo difusor e de divulgação midiática do próprio Nordeste, como celeiro de culturas, comportamentos e linguagem própria (o regionalismo nordestino – o nordestinês). O dialeto de uma região é, sem dúvida, um instrumento de construção de marcas identitárias de um povo.

Segundo Maia et alli (2013, p. 1-2),

Discute-se a representação da identidade cultural nordestina, a partir do quadro composto por imagens e expressões populares, nas mídias sociais, sobre a personagem denominada “Bode Gaiato”, publicada em uma página no Facebook. Criada em janeiro de 2013, o número de seguidores da página ultrapassou um milhão em Maio do mesmo ano. (...) Com uso de palavras, frases e situações comuns do povo nordestino as páginas resgatam e valorizam a cultura local, além de gerar uma forte identificação entre aqueles que seguem a página.

Portanto, é na tentativa de trabalhar com as variedades linguísticas do PB no Ensino Fundamental, a partir da variante falada por eles, o dialeto nordestino, que se elaborou um material didático para se trabalhar com a análise linguística (a partir daqui AL) dessas estruturas. Tal material terá como foco os textos publicados nos suportes textuais da fanpage do “Bode Gaiato”, e neles serão investigados, em sala de aula, os fenômenos fonético-morfológicos e semânticos pelos quais passam essa variedade falada pelo nosso povo.

2.3 O “Bode Gaiato”

Figura 4: Capa da fanpage “O Bode Gaiato”. Publicado em 19 de junho de 2013.



Fonte: <https://www.facebook.com/BondeGaiato.com.br/photos/pb.139725849556530.-2207520000.1434659763./139726626223119/?type=3&theater>

Breno Melo¹², recifense, mas residente em Caruaru, estudante de Engenharia elétrica pela UFCG (Campus de Campina Grande) é o criador da fanpage “O Bode Gaiato”. “A página foi criada num dia de ócio”¹³ (segundo ele), e nisto o mesmo resolveu criar um meme que tivesse uma relação identitária com o nosso povo nordestino, com a nossa gente. Não só no sentido do bode (criação animal tipicamente nordestina, sertaneja), mas num sentido linguístico e cultural¹⁴. A página já consta com muito mais de 4.548.418¹⁵ seguidores. Hoje é seguida não só no Nordeste, mas também no restante do Brasil e do mundo. É uma das mais curtidas no Facebook¹⁶.

¹² Informação colhida no vídeo: “Samuka Duarte entrevista o criador do ‘Bode Gaiato’ (entrevista)”. Publicado em 22/05/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zygK2Rfj13Y>, Acesso em: 23/08/2014, às 05h51min.

¹³ Informação colhida no vídeo: “Entrevista com criador da página ‘Bode Gaiato’ (exibida no programa ‘Povo na TV)’”. Publicada em 22/04/13. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FoeDZzgwbtA>, Acesso em: 23/08/2014, às 06h05min.

¹⁴ Informação colhida no vídeo: “Entrevista com Breno Melo Criador do Bode Gaiato Programa ‘Feminíssima’”. Publicado em 22/05/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qn4Pg3bXhT0>, Acesso em: 23/08/2014, às 06:07.

¹⁵ 4.548.418 pessoas: informação colhida na fanpage: < <https://www.facebook.com/ObodeGaiato/likes>>.

¹⁶ Informações sobre o sucesso da página: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/05/bode-gaiato-criado-por-recifense-vira-mania-e-atinge-multidao-de-fas-na-web.html>>.

Os números comprovam o sucesso da fanpage entre os utilizadores das mídias sociais, principalmente do Facebook, tendo chegado ao alcance de 15 milhões em uma semana, de acordo com relatório gerado pela própria mídia social¹⁷. Os números podem ser explicados pela identificação que as publicações proporcionam. Diariamente os seguidores podem se reconhecer em situações já vividas, muitas vezes até esquecidas, por “Junin”, “mainha” e outras personagens criadas pelo estudante Breno Melo.

Observou-se também nas representações de todos esses aspectos, e ainda dos aspectos negativos da região, esses também através do humor, que levam à construção da nordestinidade. Sendo essa construída perante as percepções que os nordestinos possuem de si mesmo e de seus discursos (MAIA et alli, 2013, p. 10).

Para isso acontecer, “foram utilizadas fotografias de bodes com uma fisionomia engraçada, tendo como plano de fundo, na maioria das vezes, a imagem da galáxia, muito utilizada em páginas de humor no Facebook” (MAIA et alli, 2013, p. 5). Assim sendo, “destaca-se entre as tantas páginas de humor presentes nas mídias sociais por difundir parte da cultura nordestina e mostrar situações que remetem à memória coletiva regional” (MAIA et alli, 2013, p. 10). “Além de trazer termos, expressões típicas da cultura local e contribuir para o aspecto folkcomunicação”¹⁸ (MAIA et alli, 2013, p. 10). A página é configurada por esses aspectos.

“O bode é um animal bastante festejado no nordeste, e um representante da identidade cultural daquela região” (MAIA et alli, 2013, p. 5). “São muitos “os causos” contados a respeito desse animal, além das histórias relatadas através da literatura de cordel e no folclore nordestino” (idem, p. 5). “Após a escolha do animal, o administrador da página escolheu acrescentar o adjetivo ‘gaiato’, muito utilizado na região para descrever alguém extrovertido e engraçado” (MAIA et alli, 2013, p. 5). Segundo Maia (et alli, 2013, p. 1-2),

¹⁷ < <https://www.facebook.com/ObodeGaiato>>.

¹⁸ A Folkcomunicação é uma disciplina científica que tem como objetivo o estudo da comunicação popular e o folclore na difusão de meios de comunicação de massa.

Discute-se a representação da identidade cultural nordestina, a partir do quadro composto por imagens e expressões populares, nas mídias sociais, sobre a personagem denominada “Bode Gaiato”, publicada em uma página no Facebook. Criada em janeiro de 2013, o número de seguidores da página ultrapassou um milhão em Maio do mesmo ano.

Com as informações acima, nos certificamos de que a identificação causada, no leitor nordestino, logo de imediato, é fruto do reflexo encontrado nesses elementos composicionais das postagens. A página produz atração nos sujeitos falantes dessa variante linguística e pertencentes a essa cultura, como produto de identificação natural/regional de um povo. No caso da linguagem utilizada nos textos, esses sujeitos se identificam com os vocabulários próprios, a morfologia da representação da fala, os elementos (que aparecem) da nossa cultura e com as crenças peculiares ao povo do Nordeste. Essa popularidade tremenda da fanpage se deve, justamente, a esses aspectos, e também ao humor. Entre as palavras mais citadas pelo ‘bode’, estão:

(...) pia (espiar, observar), avia (andar rápido), óia (olhar), visse (viu), armaria (Ave Maria), crendôspai (creio em Deus pai), mar minino (mas, menino), vigemaria (virgem Maria), mulesta (doença, peste ruim), pantim (frescura), nãm (recusa, não) e mainha (mãe). A partir de abril, quando a página alcançou o número de 500 mil seguidores, as publicações passaram a retratar com mais frequência momentos corriqueiros que muitas vezes passam despercebidos por todos, como brincadeiras entre amigos e, principalmente, diálogos entre mãe e filho. As montagens passaram a lembrar uma espécie de quadrinhos, dando assim mais espaço para as informações textuais. As personagens “Junin”, “Ciço”, “Bio”, “Dona Maria”, “Raimunda” e “Zefinha” (mainha), típicas representações nordestinas em apelidos, retratam a maneira simples de um povo que possui uma identidade cultural bem definida. Sendo essa traduzida na fala, nos gestos, costumes e crenças (MAIA et alli, 2013, p. 8).

As crendices e folclores nordestinos são bem retratados nas postagens da página, remetendo os seguidores às memórias da infância e aos “folclores” da sua terra natal. Maia et alli (2013, p. 9), diz que “uma crença supersticiosa, entendida como tudo aquilo que uma pessoa toma como verdade, de que caso uma sandália permaneça virada poderia causar a morte da mãe do seu dono” (exemplo visto em uma das postagens da página). Como visto, o povo dessa região é cheio desses ‘saberes’ populares e passam essas crenças para suas gerações futuras, fazendo com que elas sobrevivam e assegurem a tradição ‘folclórica’ por muitos anos.

“Entre as outras crenças já representadas na página, estão a de que é prejudicial entrar em contato com a água gelada após as refeições” (ibdem, 2013, p. 9), além da mistura de determinados alimentos, tais como “manga e leite” (MAIA et alli, 2013, p. 9). Todas essas crenças são representações do imaginário popular nordestino. Elas remetem às crendices e simpatias populares do Nordeste, passadas de geração a geração na cultura popular dessa região. Vejam esta postagem da fanpage:

Figura 5: “Tomar leite com manga”. Publicado em 11/10/2014.



Fonte: <https://www.facebook.com/ObodeGaiato/photos/pb.463932880336643.-2207520000.1434641111./886113834785210/?type=3&theater>

Além das características relacionadas à cultura, às crendices e à fala nordestina, a fanpage também se destaca muito pelas seguintes características: **A popularidade**, no concernente à página ter caído no gosto popular, incluindo pessoas de todos os níveis de formação intelectual, classes sociais e de regiões diferentes do nosso país e do resto do mundo; O **humor**, por a página ter se pautado nos exageros e “excessos” verificados no comportamento humano. Essas “garfes” são retratadas pelos personagens, numa mimese caricatural dos nossos próprios atos do dia-a-dia, pois “a comédia é uma brincadeira que imita a vida” (BERGSON, 2001); assim como também na **divulgação do vocabulário peculiar à fala da região** e na **focalização dos temas cotidianos e da atualidade**, como vemos na imagem abaixo.

Figura 6: “Aplicativos e novidades da tecnologia”. Publicado em 17/03/2015.



Fonte: <https://www.facebook.com/ObodeGaiato/photos/pb.463932880336643.-2207520000.1434640772./947455205317739/?type=3&theater>

Portanto, a linguagem usada pelo “Bode”, e os outros personagens da fanpage, além da imitação prosódica da nossa fala, expressam nossas tradições, costumes, crenças, mitos, enfim, contagia seus seguidores pela riqueza de detalhes da nossa cultura nordestina, veiculadas pelas peripécias retratadas nos episódios, que são transmitidos diariamente pelo Facebook.

2.3.1 A variante regional na fanpage do “Bode Gaiato”

Em cada região brasileira a Língua Portuguesa sofreu diferentes influências culturais, e por isto incorporou diferentes formas de expressão, o que aos poucos deu origem a diferentes dialetos, diferentes modos de expressar ou representar uma mesma ideia ou história, um mesmo sentimento ou conceito. A língua então funciona como elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. Segundo Tarallo (1997, p. 08), “em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes”.

No que se refere ao vocabulário próprio da nossa região, podemos observar aspectos peculiares a uma comunidade de falantes, vocábulos e expressões como Oxel!, Oxente! Vish!, “(...) pia, avia, óia, visse, armaria, crendôspai, mar minino, vigemaria, mulesta, pantim, nãm

e mainha” (MAIA et alli, 2013, p. 8), “cumê”, “dênticasa”, “ramássistir”¹⁹, etc. Essas formas de expressão nordestina são repassadas em todas as postagens da fanpage do “Bode Gaiato”. Então, percebemos que em alguns vocábulos e expressões destes textos, temos a transcrição da fala na escrita. Em alguns verbos, está presente a aférese²⁰, “um fenômeno ainda bastante ativo que atua principalmente sobre as vogais átonas [...] no início dos vocábulos, mas, às vezes, em sílabas inteiras” (VIARO, 2011, p.139). Um exemplo que podemos verificar nos posts anexos, é em palavras como “tô” e “tá” (retiradas dos posts anexos na SD proposta), ao invés de ‘estou’ e ‘está’. Em outras, estão presentes os fenômenos da juntura entre vocábulos e da transcrição fonética (CAGLIARI, 1999). A juntura se manifesta, por exemplo, na junção de “dênticasa”, com o advérbio de lugar fundido ao substantivo, sem a presença da preposição. As expressões “apô”, “cumê”, apresenta o apagamento do S e do R final e a ênfase do termo pelo emprego do acento circunflexo em “ô” e “ê”. No caso das expressões “armaria” e “ramássistir”, temos a juntura vocabular e a rotacização do “v”, pelo “r”. Já em “dênticasa”, encontra-se um termo que sofre síncope, processo fonológico que consiste na supressão de um fonema no meio da palavra: dentro>dênti.

Em relação ao que dizem por aí dos nossos dialetos do Nordeste, ouvimos falar em língua ‘inferior’, ‘simples’, ‘primitiva’. Para a Linguística, esse tipo de afirmação carece de qualquer fundamento científico. As formas de expressão é o resultado de toda uma cultura que, com o passar do tempo, os falantes do lugar trataram de assimilar em seu jeito próprio que, como em toda Língua, condiciona aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos, etc. Pois, “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres sem vocabulário” (Alkmin, 2001, p. 41). Toda forma de linguagem reflete, como legado, a cultura de sua comunidade. Porque “a língua é muito mais que isso, é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social” (ANTUNES, 2006, p. 22).

¹⁹ Vocábulos e expressões retiradas dos ‘posts’ anexos à SD, propostos como material de intervenção pedagógica, que consta nos ‘Anexos’ desta.

²⁰ 3 - **Significado de aférese**: 1. Fon. Supressão de fonema(s) no início da palavra (ex.: ‘tá’ por ‘está’; ‘cê’ por ‘você’); 2 . Ling. Figura na diacronia da língua que, pela (...). (**FONTE**: www.dicionariocriativo.com.br/significado/afereze.)

²⁰ **Síncope** – é a supressão de um fonema no meio do vocábulo. (**FONTE**: www.recantodasletras.com.br › Todos › Gramática e Ortografia)

Dessa forma, o que o ‘Bode’ reproduz é a maneira peculiar de expressão oral do nordestino, assim como sua compreensão do mundo, tendo como forma de interlocução o uso linguístico. Isso se dá como um veículo difusor e de divulgação midiática do próprio Nordeste, como celeiro de culturas, comportamentos e linguagem própria em seu discurso enquanto instrumento de construção de marcas identitárias de um povo. Segundo Maia (et alli, 2013, p. 1-2), “(...) com uso de palavras, frases e situações comuns do povo nordestino as páginas resgatam e valorizam a cultura local, além de gerarem uma forte identificação entre aqueles que seguem a página”.

Sabe-se que os fenômenos ocorrentes na fala do povo nordestino são decorrentes de “fatores históricos de colonização e particularidades relativas aos diversos campos da atividade humana (economia, política, trabalho, cultura etc.)” (SOUZA, 2014, p. 25). Assim sendo, “esse português foi trazido para o Brasil. Aqui ele sofreu não só a influência do meio físico, mas também a dos povos indígenas, africanos e de outros que, como imigrantes, vieram fazer parte de nossa sociedade posteriormente” (COUTO, 1999, p. 20). Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 2), “isso se explica porque as cidades brasileiras que estão voltadas para a Europa receberam um contingente muito grande de portugueses nos seus primeiros séculos de colonização e desenvolveram falares mais próximos dos falares lusitano”. Dessa forma, na Península Ibérica, e isso já seria constatado em alguns poemas de Camões, que traz palavras daquela época, que as tais são pronunciadas igualmente à nossa fala considerada ‘errada’ (ALKMIN, 2001). Ainda segundo Alkmin (2001),

– O que é considerado hoje em dia como “erro”, seria texto considerado português culto na época de Camões, séc. XVI. “as formas ‘fruta’, ‘escuitar’, ‘intonce’, assim como as construções sintáticas do tipo ‘deseja de comprar’ (...) hoje consideradas incorretas – são encontradas em *Os Lusíadas*, de Camões (1572)” (ALKMIN, 2001, p. 41).

“Representações de pronúncia e construções gramaticais atestadas em textos legitimados, não são mais considerados como ‘bom uso’” (Alkmin, 2001, p. 41). Sobre isso, Alkmin (2001, p. 41) diz que “esses registros estão vivos em variedades não padrões contemporâneos, e sobre o fato de que sejam consideradas como ‘erradas’, ‘fruto de ignorância’, etc., a verdade é que outros grupos sociais retiveram esses usos: esse foi o ‘erro’” (Alkmin, 2001, p. 41). Vemos, então, que essas questões de “aceitação da linguagem” passam pelo crivo do tempo. O que ontem era visto como “culto”, hoje pode ser considerado “erro

linguístico”. Assim sendo, nossa variedade, além de ser fruto de um legado histórico regional, também sofre processos fonológico-estruturais, quando em sua pronúncia, perdem fonemas (sofrem apagamentos) ou suprimem termos de uma frase, modificando a prosódia num ato de economia da fala, ou lei do mínimo esforço. Portanto, nossa expressão oral se caracteriza por fenômenos fonético-estruturais como: **a monotongação**, que é, na verdade, a transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. “Podemos ter a transformação do ditongo /ow/ para /o/, como “pôco” (por ‘pouco’), “rôpa” (por ‘roupa’), (...) etc.; de /ey/ para /e/, como em “mantêga” (por ‘manteiga’), (...) etc.; e de /ay/ para /a/, como em “cáxa” (por ‘caixa’), (...) etc.” (SOUZA, 2014, p. 26); **o alçamento** das vogais médias pré-tônicas, a elevação das vogais pré-tônicas por influência de uma vogal em sílaba subsequente. É o caso, por exemplo, de “miníno” (por ‘menino’), “curúja” (por ‘coruja’), “pirú” (por ‘peru’), etc” (SOUZA, 2014, p. 26) e que também

Pensemos no caso do gerúndio, em que temos o fenômeno fonológico da assimilação: “cantâno” (por ‘cantando’) “corrêno” (por ‘correndo’) “sorrino” (por ‘sorrindo’). Sabemos que “-ndo” é o morfema verbal que indica gerúndio. Nos três exemplos, esse morfema sofre uma redução para “-no”, com a queda do fonema /d/. E agora: será um caso de variação fonológica ou morfológica? A mesma indagação pode ser feita em relação aos seguintes fenômenos em variação, muito frequentes no português do Brasil: a) “andá” (por ‘andar’), “vendê” (por ‘vender’), “parti” (por ‘partir’); b) “eles anda” (por eles ‘andam’), “eles vendi” (por eles ‘vendem’), “eles parti” (por eles ‘partem’); c) “tu anda” (por tu ‘andas’), “tu vende” (por tu ‘vendes’), “tu parte” (por tu ‘partes’); d) “você anda” (por ‘tu anda(s)’) e a “gente anda” (por ‘nós anda(mos)’) (SOUZA, 2014, p. 27).

“Em (a), por exemplo, temos a supressão do –r que marca o infinitivo nos verbos. Trata-se, pois, de um morfema verbal. Nesse caso, temos claramente a falta do morfema de infinitivo nas realizações ‘andá’, ‘vendê’ e ‘parti’” (ibidem, p. 27). Como se pode ver, esses são alguns dos fenômenos responsáveis pelo que chamamos de “erro”. Todos são perfeitamente explicáveis do ponto de vista fonético-morfológico. Assim, e finalizando, “ao invés do “erro”, e no lugar dessa superstição infundada, passar a observar os fenômenos de variação e mudança linguística de modo mais consistente e cientificamente embasado” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 8), pois isso é condição necessária para que compreendamos os processos linguísticos, e deixemos de ver a forma de expressão do outro sob a ótica do preconceito.

2.3.2 Uso didático das postagens desta fanpage

Com base nas reflexões supracitadas, pode-se perceber que os regionalismos usados na linguagem do nosso povo é um laboratório linguístico-cultural infindo para se estudar a língua materna, basta um planejamento prévio (por parte do professor). Pode-se, também, observar que o nosso aluno se identifica com a linguagem do “Bode Gaiato” porque se percebe nele e em seus falares, seus costumes, seus mitos, sua cultura, suas piadas peculiares ao modo de vida cotidiano do nosso povo etc. e, dessa forma, pode entender que a forma de oralidade do nordestino, e da representação escrita dessa fala pelas postagens da fanpage, não é um “erro linguístico”, muito pelo contrário, mas sim um repositório de riquezas linguísticas que foram assimiladas no passar do tempo pelos falantes e difusores dessa variante. Por intermédio dessa cultura linguística representada na fanpage do “Bode”, é possível construir uma interação social resgatando a identidade particular, pois essa prosódia e esses dizeres, etc., são próprios de sua cultura natural de vida.

Assim, e utilizando como recurso tecnológico e suporte material o uso da leitura de postagens de uma página virtual do Facebook – a do “Bode Gaiato”-, percebeu-se que o ensino deve ser pautado nos conhecimentos de linguagem que o aluno já traz em seu repertório de vida: a linguagem que ele traz de casa e de suas convivências sociais, pra só assim, e a partir daí, se construir, em conjunto com a turma, a aprendizagem de vários usos da Língua Materna que lhe vai ser útil para toda a vida. Pois para Lima e Machado (2013), é importante que os alunos saibam que a língua padrão ocupa um lugar de prestígio hoje em dia não pela sua elaboração ou por seguir uma gramática, mas por questões históricas, sociais e políticas que levaram seus usuários a ocuparem lugares de prestígio social na sociedade. Portanto, não vejo porque esse preconceito persistir. Diante disso não existe variante mais correta, existe sim a variante adequada a cada contexto.

Então, é necessário que, além da abordagem da variante privilegiada, se dê espaço nas aulas às demais variantes do PB. As formas linguísticas ditas “estigmatizadas”, também tem seu valor estilístico, tendo, assim, importância nas nossas práticas de linguagem. “A recomendação dos PCNs é que se trabalhe com a maior variedade possível de gêneros textuais, em particular com aqueles a que os educandos se encontram expostos no seu dia-a-dia [...]” (KOCH, 2002, p. 8). Pois,

Todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa (BRASIL, 1988, p. 82).

Dessa forma, questões abordando fenômenos fonético-estruturais dos textos em questão foram elaboradas para a nossa proposta de intervenção, que analisam esses aspectos dos nossos regionalismos nordestinos da Paraíba e Pernambuco, representados na página do “Bode Gaiato”. Através dessa iniciativa desmistificaram-se preconceitos e, com isso, tornamos possível o acesso ao léxico e à cultura do Nordeste. Neste âmbito, o nosso enfoque, portanto,

Foi essencialmente semântico-pragmático-discursivo: as reflexões sobre os aspectos especificamente gramaticais precisam ser lançadas contra esse pano de fundo semântico-pragmático-discursivo, de modo a conscientizar o aprendiz de que os recursos disponíveis na língua são ativados essencialmente para **a produção de sentido e a interação social** (coisa que, nos regionalismos, há uma riqueza muito grande no concernente às forças comunicativas efetivas) (BAGNO, 2011, p. 20).

Já sobre os aspectos semânticos, “há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sócio cognitivo dos participantes da interação” (Koch, 2002, p. 2). Portanto, tanto a abordagem dos mecanismos estruturais desta variante estudada, como a compreensão dos elementos semânticos e culturais, num contexto de identidade regional nordestina, foi contemplada na nossa proposta didática para o Ensino Fundamental. É nesse contexto que foi possível, através dessa experiência pedagógica, despertar o interesse dos alunos, e ter de volta um melhor desempenho, para esse caráter versátil da linguagem: o caráter variacional. Além disso, possibilitou-se ao aluno conhecer que o que, na verdade, está por trás do que é considerado ‘erro linguístico’, nada mais é do que mudanças fonético-estruturais e semânticas em nossas atitudes linguísticas da região. Como uma forma de abordagem didática com a língua materna, teve-se a ideia de abordar os aspectos da variação ocorrentes na nossa comunidade linguística representados nas postagens da fanpage ‘O Bode Gaiato’.

3 CAPÍTULO III: FACEBOOK, “BODE GAIATO” E VARIANTE NORDESTINA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA

3.1 A abordagem da Língua numa perspectiva variacionista: a necessidade de uma intervenção

Na tentativa de trabalhar com o variacionismo do Português Brasileiro e com aspectos locais da língua, resolveu-se explorar as variedades linguísticas numa turma de 7º Ano da Escola José Reis, de Sousa – PB, e, para isso, sentiu-se a necessidade de elaborar uma proposta de trabalho, com a utilização de uma TIC como recurso didático para as aulas de língua materna do Ensino Fundamental II. A demanda escolhida é de alunos adolescentes, com idade entre 12 e 16 anos. Todos vivem na periferia, nas ruas próximas à escola. Todos têm conta no FB e dispõem de um aparelho móvel particular (celular). Objetivou-se, em maior plano, dar foco à diversidade cultural e aos dialetos linguísticos da nossa região, e mostrar como se dá o que é chamado de ‘erro’, que nada mais é do que resquícios diacrônicos de falas colonizadoras e outros processos fonológicos desencadeados pela economia e redução de alguns fonemas. Pretendeu-se, também, desmistificar as causas político-econômicas desencadeadoras do preconceito linguístico. Para tanto, escolheu-se a variante e a cultura retratada nas postagens feicebuqueanas do “Bode Gaiato”. Nessa empreitada isso se faz evidente, pois em sala pode-se perceber que o aluno se reconhece linguístico e culturalmente na linguagem utilizada pelo ‘Bode’.

3.1.1 A idealização de uma proposta didática

Pretendia-se, para ir ao encontro do que se propunha o programa de mestrado PROFLETRAS, elaborar uma proposta didática, que contemplasse o Ensino Fundamental II, e que primasse em trabalhar com uma visão linguística atual (BAGNO, 2002) do ensino da língua materna. Para tanto, optou-se em trabalhar com a variante identidade do meu público-alvo, a variante falada por eles e sua comunidade linguística. A Fanpage do “Bode Gaiato”, então, cairia ‘como uma luva’, pois eles são seguidores desta página do FB. Nisso eu associaria também o uso de uma TIC para trabalhar com análise linguística do gênero postagem.

3.1.2 Sobre o gênero trabalhado

O texto é elemento imprescindível às aulas de Português. Por isso devemos explorar os gêneros textuais e fazer uso de seus aspectos comunicativos em suas práticas sociais de uso. “Os gêneros são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 101), isso como práticas sócio-comunicativas. Marcuschi (2003) relaciona a noção de suporte com a ideia de um “portador do texto”, entendido como “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (idem, 2003, p. 11). Dessa forma, pôde-se entender melhor o gênero utilizado nesta experiência, já que os posts do “Bode Gaiato” ora se apresentam em forma de charge, ora em forma de tira vertical. Às vezes assume, também, outros formatos, como a sequência de postagens que sucedeu num decurso narrativo, implicando também na mudança de tipologia do gênero. Portanto, pôde-se entender que não se trata de um gênero, mas de um intergênero²¹, sendo “o post”, ou “a postagem”, um suporte, conforme dá a entender no esclarecimento de Marcuschi (2003, p. 11) sobre os gêneros textuais.

Foi possível trabalhar nesses gêneros a valorização da cultura; a desmistificação do preconceito linguístico; o humor crítico; a linguagem típica (Semântica, aspectos fonético-estruturais) e a relação do local com o global, como vemos nas imagens seguintes:

Figura 7: Desmistificação do preconceito linguístico.



Fonte: <https://www.facebook.com/ObodeGaiato/photos/pb.463932880336643.-2207520000.1434655298./971128959617030/?type=3&theater>

²¹ Gênero variável (mutável) que se apresenta ora com um formato, ora com outro, mas que mantem o suporte. Assim são os posts do “Bode Gaiato”.

Figura 8: Linguagem típica com seus aspectos fonético-estruturais.



Fonte: <https://www.facebook.com/ObodeGaiato/photos/pb.463932880336643.2207520000.1433681252./861338363929424/?type=3&theater>

São imagens que promovem a valorização da cultura de um povo, e com isso podemos despertá-los para uma compreensão do preconceito linguístico, feito de forma bem humorada, em uma variação perfeitamente explicável do ponto de vista linguístico. Um exemplo é o texto desses dois ‘posts’, onde o primeiro se utiliza de palavras que são próprias do nosso vocabulário, para se referir às partes do corpo humano, como ‘cangote’ e ‘buxo’, que são próprias da nossa comunidade linguística. Em outras comunidades linguísticas, essas palavras não tem uso contextual. Já no segundo ‘post’, vemos a representação escrita da nossa fala, tal qual como ela é pronunciada. Aqui vemos a redução da marca de infinitivo, o “R”, que ocorre na oralidade, onde pronunciamos apenas ‘dotô’, ‘sinhô’, etc. Outra, é o ‘pá tu’, ao invés de ‘para tu’. Essa lei do mínimo esforço fonético ocorre apenas na oralidade. Como já mencionei acima,

As montagens passaram a lembrar uma espécie de quadrinhos, dando assim mais espaço para as informações textuais. As personagens “Junin”, “Ciço”, “Bio”, “Dona Maria”, “Raimunda” e “Zefinha” (mainha), típicas representações nordestinas em apelidos, retratam a maneira simples de um

povo que possui uma identidade cultural bem definida. Sendo essa traduzida na fala, nos gestos, costumes e crenças (MAIA et alli, 2013, p. 8).

Assim, como já havia dito quanto ao gênero (ou intergênero), há uma variabilidade na disposição dos textos e das imagens. Ora se apresenta como charge, ora como sequências verticais que se assemelham ao quadrinho. As imagens também atribuem significado ao texto, e cabe ao professor decodificá-las com os alunos, agregando sentido. As análises giram em torno da linguagem, mas as figuras contribuem para o construto do todo. As figuras também ajudam a construir os significados dos textos.

Como a página retrata situações do cotidiano do povo nordestino, “o riso é então explicado pela surpresa, pelo contraste etc.” (BERGSON, 2001, p. 29) quando se apresentam situações que vão contra as virtudes e ao que é politicamente correto, já que esses “comportamentos” são próprios dos humanos. “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (idem, 2001, p. 2). Os gestos retratados nas imagens dos personagens nos faz, juntamente com as falas, perceber tais atitudes. “As atitudes, os gestos e os movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos faz pensar numa simples mecânica” (ibidem, p. 22). Mecânica essa que simula com exatidão os nossos gestos (do nosso povo) cotidianos e nos faz rir de nós mesmos. Assim sendo, “a linguagem só obtém efeitos risíveis porque é uma obra humana, modelada com a máxima exatidão possível pelas formas do espírito humano” (BEGSON, 2001, p. 97).

Finalizando, percebemos que a análise linguística destas publicações torna-se uma prática didática de abordagem muito interessante, porque alia imagem, texto, comicidade, identidade com nossos costumes e cultura, sem falar que, como é por meio de um dispositivo móvel, se torna algo muito mais atraente e agradável.

3.2 Sequência Didática²² (Anexos²³)

3.2.1 Relato da experiência em si após a aplicação

²² Conteúdo dos slides é de autoria de Janaína Antunes, vide referência na ‘Bibliografia’ da sequência didática (nos ‘Anexos’).

²³ SD contida na parte dos ‘Anexos’, juntamente com as imagens e atividades usadas na experiência. Aqui, nas análises, serão indicados apenas o módulo, e o número da questão, à qual se refere as considerações.

Essa nossa proposta vem “como forma de possibilitar mudanças nas práticas pedagógicas da escola básica, na direção de uma formação que possibilite uma participação mais plena das múltiplas práticas sociais que envolvem o uso da linguagem verbal” (RANGEL e ROJO, 2010, p. 156). Trata-se de uma sequência didática, aplicada numa turma de 7º ano, que aborda o variacionismo do PB, partindo da abordagem da variante nordestina presente nos posts da fanpage “O Bode Gaiato”. Assim sendo, a intenção foi buscar meios de se ampliar a competência linguístico-comunicativa dos alunos, levando-se em conta a complexidade constitutiva dessa língua. Portanto, elaborou-se aqui um procedimento pedagógico que se afastasse um pouco do esquema de tratar a língua como o conjunto de aspectos estruturais que tem existência e funcionamento independente de toda a rede social que a envolve (...). Certamente, a ênfase excessiva dada à Gramática, pelos fatores que já são conhecidos, estaria longe de uma perspectiva de ensino-aprendizagem de língua adequada.

É nessa perspectiva que vemos os recursos textuais das publicações do Facebook: num veículo de multiplicidade de sentidos e formas de linguagem e de representação de expressões sociais em suas várias vertentes. Se a noção de leitura se constitui como uma atividade complexa e dinâmica, o professor pode “(...) criar atividades de leitura que se aproprie integralmente de uma teoria que permita a elaboração de tarefas que proporcionem ao aluno a possibilidade de perceber e explicar por que um texto se materializa do modo como o faz” (TAVARES et alli, 2011, p. 8-9). Textos com essa diversidade linguística é que devem ser objeto da atividade diária das aulas de Língua Portuguesa, nada mais conveniente do que usar o gênero virtual, unindo o útil ao agradável.

Assim, essa sequência didática, em consonância com uma comunidade linguística que frequenta as aulas de Língua Portuguesa da escola, tem como intenção abordar questões linguístico-variacionais a partir de reflexões sobre as diversidades linguísticas, destacando o gênero digital “post”. Esses textos utilizados nas atividades de análise foram retirados das postagens da fanpage do “Bode Gaiato”.

A Sequência Didática: “Uma Sequência Didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY&DOLZ, 2004, p. 97). Vai do complexo ao simples, voltando novamente ao complexo. Porém, nessa nossa empreitada, o foco é a linguagem, e em menor proporção o gênero. Nossa meta, portanto, é trabalhar com os níveis de linguagem a partir do dialeto representado pelo “Bode Gaiato”. E para a concretização dessa experiência se partiu dos

conhecimentos linguísticos que os alunos já dispunham, passando pelo reconhecimento da diversidade linguístico-textual para o trabalho didático de tal conteúdo. “Avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar às atividades e aos exercícios previstos na sequência, às possibilidades e dificuldades reais de uma turma” (SCHNEUWLY&DOLZ, 2004, p. 98), para mim, foi um grande desafio. Foi uma experiência onde os sujeitos (professor e turma) se envolveram dialeticamente num processo de ensino-aprendizagem por meio do trabalho de postagens (por parte do professor) de textos do ‘Bode Gaiato’ e da utilização da leitura desse gênero para análise linguística dos aspectos variacionais do PB.

Trata-se de uma progressão que se encaixou nas práticas de reflexão sobre a Língua Portuguesa falada no Brasil. Sua execução, em sala de aula, constou das seguintes etapas: “Apresentação”, “Produto Inicial”, Módulos 1, 2, e 3, como também de um “Produto Final”, que é onde se retoma tudo o que foi abordado, porém, dessa vez, as análises são feitas pelos alunos e apresentadas em forma de seminários.

Em análise, a “Apresentação” destinou-se a mostrar o que seria abordado nos módulos seguintes. Houve uma elucidação preliminar a respeito do assunto. Tinha-se como intenção despertar no aluno a compreensão para o uso adequado, de acordo com as situações de comunicação, das diversas variantes da Língua, como também valorizar o dialeto falado em nossa região. Esclareceu-se a eles que usaríamos de aulas expositivas; exibição de vídeos que esclarecem sobre os tipos de variações na língua, e discussões a respeito, sem falar nas dicas de aprofundamento do conteúdo, que é dada na SD escrita, com referências para o professor consultar e que se faz imprescindível. As atividades elaboradas em detrimento das análises gramaticais, vão ao encontro das análises epilinguísticas, uma reflexão sobre a língua. Atividades estas que vão questionar, explicar as características do gênero e da variante utilizada. São “questões relativas ao reconhecimento e à valorização das diferenças culturais nos contextos escolares”. (CANDAU, 2012, p. 237). “Se relacionam com o resgate dos processos de construção das identidades culturais, tanto no nível pessoal como no coletivo” (CANDAU, 2012, p. 247). São análises da prática da linguagem da nossa região, volta-se para a exploração de recursos linguísticos colocados a disposição dos sujeitos para a construção de sentidos. Reflexão sobre esses recursos, sobre a linguagem orientada para uso em função de uma dada situação de comunicação. Também foi feito, na abordagem em sala, a exposição das características composicionais e das funções comunicativas e sociais deste gênero. Ainda foi explorado, também, os conteúdos temáticos e a tipologia predominante.

Ainda sobre este primeiro módulo de ‘introdução’, o da ‘**Apresentação**’, pode-se dizer que se teve como objetivo maior mostrar aos alunos como viria a ser o andamento dos módulos seguintes, com informações detalhadas a respeito disso. Teve-se, também, a intenção de fazer com que eles entendessem a necessidade que nós, usuários da Língua, temos de compreendê-la em sua diversidade. Essa explanação, além dos meios básicos (quadro, exposição oral do professor, discussão em sala, etc.), teve como apoio alguns filmes e documentários onde se mostra todo o potencial dinâmico que se pode perceber no PB em forma de variações linguísticas.

1º Módulo²⁴: Nas atividades referentes ao ‘Produto Inicial’²⁵ abordou-se, principalmente, a percepção da identidade regional e o reconhecimento do caráter variacionista da linguagem²⁶. Também, alguns conceitos bases, como os de ‘cultura’ e o de ‘cultura linguística nordestina’. Exploraram-se, em atividades de exercício, as diferenças de registro e marcas regionais²⁷, como, por exemplo, as que aparecem nas postagens do ‘Bode’ (Oxe!, ‘Nam’, ‘Armaria’, ‘mainha’) que marcam nossa regionalidade linguística. Em relação, também, às características do cenário regional nordestino²⁸. Já em relação a palavras peculiares ao nosso dialeto, podemos ressaltar as palavras que denominam as partes do corpo²⁹, a ‘anatomia nordestina’. Essas palavras só ganham sentido em contextos de produções de fala do nosso povo. Ou seja, só tem sentido na nossa cultura linguística³⁰. Alguns exemplos são as palavras ‘cangote’, ‘venta’, ‘bucho’, ‘quengo’, etc.

Sobre ‘monitoramento’, foi aproveitado o ensejo do texto onde aparecia a figura de uma conselheira tutelar, na diferença entre a fala dela e a de D. Zefinha³¹ (essa ilustração que acabei de usar consta no ‘Módulo 1’). Além disso, e ainda neste primeiro momento, abordou-se as diferenças linguísticas e as marcas regionais, como no ‘post’ da conversa entre um

²⁴ Neste ‘Módulo 1’, que fica entre as págs. 09 e 13, trabalhou-se as variações de uso do PB, como também conceitos de ‘Língua’ e ‘linguagem’, ‘monitoramento’, ‘graus de formalidade’, ‘gírias’, ‘regionalismos’, etc.

²⁵ Página 11, nas atividades da SD (textos das postagens contam em ‘Anexos’).

²⁶ idem (mesma pág. acima). Assim também como as págs. 12 e 13.

²⁷ Pág. 11 da SD. Questão 2, letras a, b e c.

²⁸ 4ª questão da página 12 da SD.

²⁹ 5ª questão da pág. 12 da SD; Imagem 19, 20 e 24 das págs. 46 e 48.

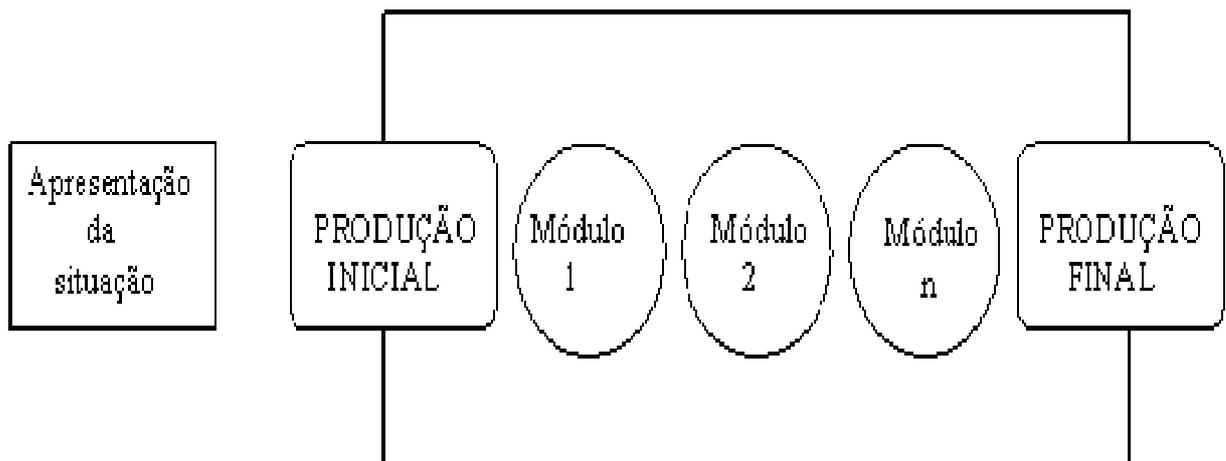
³⁰ Como nas palavras ‘mutruga’ e ‘cabra da peste’, da 11ª questão (pág. 13).

³¹ 5ª questão, letra ‘A’ (pág. 16).

mineiro e um gaúcho³², onde aparecem algumas crenças culturais, como a de que o gaúcho é macho. O mineiro duvida disso. Aparecem, também, marcas regionais interjetivas, como o uso do “Tchê” (gaúcho) e “bão demais” (mineirês)³³. Ainda aparecem elementos da nossa cultura culinária, religiosa, comportamental, literária, etc., como a castanha assada, o cordel de feira, o costume de nos referirmos aos nossos pais por ‘mainha’ e ‘painho’. Assim como os costumes de dormir de rede; a famosa ‘bodega’; a quadrilha de São João; os brinquedos feitos em casa; a tapioca; o bolo ‘de caco’; o chapéu de palha; o siri goela, etc.

Ainda nesse “Produto Inicial”, é feito um trabalho diagnóstico a fim de identificar possíveis dificuldades por parte deles (dos alunos) em relação ao conteúdo abordado. Essa primeira etapa permite ao professor “avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma” (SCHNEUWLY&DOLZ, 2004, p. 98). “Os módulos, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhes os instrumentos necessários para esse domínio, pois os problemas colocados pelos gêneros são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada” (SCHNEUWLY&DOLZ, 2004, p. 98). “Isso lhe permitirá, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY&DOLZ, 2004, p. 97).

Figura 9: a Sequência Didática – processo de ensino proposto por Schneuwly & Dolz (2004).



Fonte: SILVA, Zenilda ribeiro. “Os gêneros textuais digitais e o ensino da Língua Portuguesa: o Facebook como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da escrita”. Dissertação de Mestrado, PROFLETRAS/UFCG, Cajazeiras, 2015.

³² Imagem 2 da pág. 37.

³³ Pág. 37.

Dessa forma, os alunos foram incitados a demonstrar que se identificam com a cultura e a linguagem local, para que nos módulos seguintes, através de análises linguístico-semânticas, que trabalham com o reconhecimento e valorização da variante regional nordestina, conheçam os processos pelos quais passam essa “transformação” linguística de que fazemos uso na nossa expressão. Para, então, daí partir para o trabalho contra o preconceito linguístico, elucidando que por traz disso tudo estão lutas de classes e embates sócio-político-econômicos. Portanto, nossa intenção, com essas questões propostas, é de que

Seja possibilitada ao aluno a reflexão tanto sobre os conhecimentos construídos – o que se sabe –, quanto sobre os processos pelos quais isso ocorreu – como conseguiu aprender. Ao identificar o que sabe, o aluno tem a possibilidade de delimitar o que precisa, ainda, aprender. Ao reconhecer como conseguiu aprender, o aluno tem a possibilidade de descobrir que podem existir outros modos de aprender, conhecer e de fazer. A apropriação de novos conceitos e procedimentos permite que o aluno possa realizar as atividades propostas com maior eficiência e autonomia. Nesse sentido, “a avaliação precisa ser compreendida como reflexiva e autonomizada” (BRASIL, 1998, p. 93).

Pois nessas atividades eles conheceram epistemologicamente os processos pelos quais a linguagem passa para resultar nesta variante representada na página do ‘Bode’. Para tanto, buscou-se respaldo teórico-metodológico nos documentos oficiais de orientação ao professor nas práticas de trabalho pedagógico com as linguagens do nosso PB. O mesmo prega que a prática de uso real da língua deve ser alvo de abordagem, nas aulas de Língua Portuguesa, desde o Ensino Fundamental. Utilizou-se, também, para entender melhor esse fenômeno da variante nordestina, os materiais de Alkmin (2001), Marroquim (1945) e Souza (2014). Nossa proposta não foi a de um estudo dessa comunidade linguística, mas sim através da representação dela, pelos textos das postagens “do Bode”. Ou seja, a intenção foi mostrar aos alunos que existe uma diversidade na unidade, em se tratando de PB. E para fazer uma desmistificação do preconceito linguístico, e abordar as demais, fez-se um apanhado analítico, grosso modo, dos aspectos fonéticos, estruturais e semânticos, como também da cultura regional, do dialeto nordestino do eixo Pernambuco-Paraíba representada por essa página feicebuqueana.

Para fechar esse apanhado expositivo que se faz aqui sobre o “Produto Inicial”, e adentrando já no “Módulo 1”, pode-se informar que trabalhou-se com “as estratégias de leitura e outros procedimentos que são realizados pelo professor a fim de auxiliar o aluno na

compreensão do texto” (DUBEUX, 2012, p. 28). Sobre essas estratégias utilizadas na experiência, podemos mencionar: a realização de inferências, o levantamento e a confirmação de hipóteses, etc. Vale advertir que o cumprimento destas depende da ativação do conhecimento prévio, linguístico e de mundo por parte do aluno, e isso o professor tem que incitar e despertar na turma.

Nesse mesmo módulo (‘Produto Inicial’), como também nos módulos seguintes, fez-se um construto significativo em condições epilinguísticas (de reflexão sobre essa variante) do dialeto representado nas postagens do “Bode”, para daí, então, partir para o trabalho com outras variantes do PB, inclusive das normas privilegiadas. Também foi feita a verificação do monitoramento (ou não) da fala. Assim, eles produziram textos orais para as práticas linguageiras em questão considerando as especificidades das condições de produção, pois sobre isso foram orientados na compreensão desses níveis linguísticos. Isso os incitou a conseguir monitorar seu desempenho durante o processo de produção, em função da reação dos interlocutores, que é, no caso, o que expliquei como “adequações de uso”. E a partir disto, o professor tem de fazer as observações necessárias para que se fixe cognitivamente no aluno as noções de ‘registro’, ‘estilo’, ‘monitoramento’, ‘formalidade’, ‘adequações de uso’, etc. Assim, tem-se, portanto, o intento de subsidiar as atividades seguintes no que concerne a um aparato conceitual capaz de abordar adequadamente a estrutura, o funcionamento e os mecanismos característicos dos gêneros e tipos de textos explorados na atividade final. Lançou-se, também, nesta experiência, a debates dialogados, onde se elucidou a respeito das marcas linguísticas que se arrastam até hoje na nossa variante, herança de nossos colonizadores³⁴.

Também nesse módulo, abordou-se o suporte ‘post’, não com o intuito de trabalhar com o(s) gênero(s) (já que se trata de um intergênero), no concernente à elaboração escrita do mesmo, mas apenas com os mecanismos linguísticos condicionantes desta variante. Todos os mecanismos linguísticos (fonético-estruturais) e semânticos geradores do nosso dialeto nordestino são perfeitamente explicáveis em sua forma, sendo, algumas palavras, um legado diacrônico, em sua maioria, do portugalego, como diria Marcos Bagno (1999), Fernanda

³⁴ **MARROQUIM**, Marcos. **A língua do Nordeste**: Pernambuco e Alagoas. 3ª Ed., Maceió: Edufal, 1945. (Coleção Nordestina) Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ItRggLujJ8UC&printsec=frontcover>>, Acesso em 17/05/2015, às 09:30.

Mussalin (2001) e Marcos Marroquim (1945), em seus livros. Neles seus autores já fazem referência a isso³⁵. Referem-se ao fato de que muito do que temos nas variantes orais faladas no Nordeste, mais precisamente no eixo Paraíba-Pernambuco, provém do Português provençal falado na Península Ibérica, e isso já seria constatado em alguns poemas de Camões, que traz palavras daquela época, que as tais são pronunciadas igualmente à nossa fala considerada ‘errada’.

Do 2º(Módulo 1) ao 4º Módulo (‘Módulo 3’)³⁶: Entre os “Módulos 1” e “Módulo 3” é explorado o fato do preconceito linguístico, que rotula de “feia” ou “bonita” a linguagem dos falantes; também trabalha com o reconhecimento da diversidade variacional do nosso idioma, como também com a elucidação de que a variante padrão é apenas mais uma; faz compreender que existe ‘a diversidade na unidade’ da língua, e de que não existe língua pura; foram dadas as definições e conceitos explicados de expressões e termos como “Cultura”, “Cultura nordestina”, “preconceito linguístico”; foram feitas discursões sobre as causas do movimento do “orgulho nordestino” desencadeado aqui no Brasil, pelas Redes Sociais, na época das eleições presidenciais de 2014; se fez, também, imprescindível um apoio audiovisual para exibir a série, em 4 vídeos, do documentário “Línguas do Brasil”. Com essas exhibições foram trabalhadas as noções de ‘língua’ e ‘variedade’, como também as características peculiares ao gênero e seu uso social e efeitos comunicativos, assim como de outros gêneros que aparecem nos slides como o e-mail, quadrinho, etc.

Já no **Módulo 2**³⁷, o terceiro, foram trabalhados o gênero (intergênero)³⁸ e os fenômenos linguísticos em níveis fonético-estruturais e semânticos³⁹, como também o humor

³⁵ **MARROQUIM**, Marcos. **A língua do Nordeste**: Pernambuco e Alagoas. 3ª Ed., Maceió: Edufal, 1945. (Coleção Nordestina) Disponível em:<<https://books.google.com.br/books?id=ItRggLujJ8UC&printsec=frontcover>>, Acesso em 17/05/2015, às 09:30.

ALKMIM, Tânia Maria. “Sociolinguística – Parte 1”. In: **MUSSALIM**, Fernanda; **BENTES**, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p. 22- 44.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é, como se faz. 49ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 1999.

³⁶ Estão como ‘Módulos 1, 2 e 3’.

³⁷ Pág. 17.

³⁸ Questões de 1 a 4 (págs. 19 a 21).

³⁹ Págs. 19, 20 e 21.

veiculado pela página, através das falas do ‘Bode’. Pode-se usar como exemplo⁴⁰ uma postagem em que abordamos nela o grau de formalidade e a reescrita de acordo com a norma padrão. Nela, ‘Bio’ fala ao médico, “Dotô, eu só penso em bebida” e o médico responde, “Hum, vou receitar um remédio pá tu. Aí ‘Bio’ responde: “O senhor disse Pitú?”⁴¹. Com a palavra ‘dotô’, percebemos uma redução do ‘r’, modificando a prosódia num ato de economia da fala, ou lei do mínimo esforço. Já em “pá tu”, vemos a supressão de ‘para tu’, com o apagamento da segunda sílaba de ‘para’.

Nesses módulos, as atividades propostas procuraram trabalhar com as seguintes habilidades e competências de uso da língua: Usos de várias variantes linguísticas do PB; perceber as mudanças da fala monitorada e fala espontânea; distinguir marcas que evidenciam os vários dialetos; o conhecimento das formas coloquiais e formais de uso da língua e a identificação das marcas intencionais de variante linguística. Teve-se também nestes módulos, a intenção de trabalhar com a valorização da cultura do nosso povo e da oralidade como um bem particular. Portanto, lendo os posts, o leitor percebe que as partes se articulam na construção do todo, e com a leitura que envolve todos os elementos que trazem sentido para o texto forma-se um construto de significação particular. Assim sendo,

A imagem faz parte do conjunto de recursos necessários para ensinar a ler: ela pode ajudar a desempenhar o papel de coadjuvante, co-partícipe na interpretação do texto verbal, ajudando a construir os primeiros sentidos, que depois serão tornados mais precisos pela leitura” (KLEIMAN, 2005, p. 50).

No ‘**Módulo 3**’ abordou-se a forma e o conteúdo. Trabalhou-se com aspectos semânticos dos textos⁴², sem deixar de fora as marcas fonético-estruturais⁴³ que se pôde explorar. As imagens utilizadas foram de costumes, comportamentos e expressões que lembrem o nosso povo. Elas têm a função de despertar a percepção da identidade linguística e cultural dos alunos. Nos textos analisados, as imagens são peças fundamentais na articulação

⁴⁰ Conversa de ‘Bio’ com o ‘médico’ (figuras do 2º Módulo). Atividade nas páginas 19 e 20; 2ª questão, letra ‘B’.

⁴¹ Pág. 60, imagem nº 2.

⁴² 2ª questão (letra ‘c’), na pág. 20.

⁴³ 2ª questão, das letras ‘a’ a ‘g’, que se encontram nas págs. 19 e 20.

sociossimbólica do significado do texto como um todo. Pois, “o sentido de um texto é, conforme evidenciamos, construído na interação texto-sujeitos (ou texto – co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação” (Koch, 2002, p. 9). Sendo assim, o contexto identitário do interlocutor destes textos é importante para a completude dos efeitos surtidos na significação. Portanto, este último, o “Módulo 3”, trabalha com os aspectos semânticos e seus efeitos comunicativos, que algumas palavras dessa variante têm dentro de sua comunidade linguística (falante). Têm-se como exemplo, “Uma frente quente vinda do Piauí se aproxima de toda a região. A previsão é de quintura o dia todo com pancadas de mormaço a tarde”, onde abordamos os sentidos e o humor no que concerne às palavras ‘quintura’ e ‘pancadas de mormaço’⁴⁴. Onde ‘quintura’, para nós, é o calor excessivo, que na verdade seria ‘quentura’ (a palavra ‘correta’).

Depois de todo um resgate reforçado da identidade linguística do aluno, falante da variante regional nordestina, trabalhado nos módulos anteriores, essa andaimagem certamente refletiu, na demonstração de saberes adquiridos, o que foi precisamente a intenção do módulo de fechamento, o “Produto Final”. “No momento da produção final, o aluno pôde por em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados” (DOLZ & SCHENEWLLY, 2004, p. 99). “A produção Final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência” (idem, 2004, p. 99). “Eles adquirem um vocabulário, uma linguagem técnica, que será comum à classe e ao professor, e mais do que isso, a numerosos alunos fazendo o mesmo trabalho sobre o gênero” (ibidem, p. 106).

É nesse momento que eles discutem entre pares as repostas encontradas. Na situação de validação, os alunos resolvem novas atividades utilizando os conhecimentos que construíram em dupla ou em grupo. “Por fim, na situação de institucionalização, o professor atua como organizador das informações, sistematizando os conhecimentos e ajudando os alunos a integrarem as informações disponibilizadas durante toda a sequência” (DUBEUX, 2012, p. 123).

Nessas atividades, foi investigado o suporte textual, com todas as informações pertinentes ao fenômeno dessa página do Facebook. As questões interpelam a respeito da

⁴⁴ Imagem 2 de atividade do Módulo 3 (pág. 62).

Rede Social, da página em questão, suas características textuais e imagéticas de composição, como também o uso social cotidiano. Trabalhou-se, também, com os termos peculiares ao “vocabulário do Bode”.

Não posso deixar de ressaltar uma atividade, entre as já citadas, que deu certo: a sequência de episódios (em ‘posts’) que compunha uma narrativa, com todas as características peculiares. Trata-se da sequência de seis posts que compuseram uma narrativa com seus aspectos de causa e efeito que dão decorrência de tempo e fatos acontecidos à história. A mesma resultou numa trama narrativa que fora trabalhada⁴⁵, em seus aspectos, nas questões de atividades deste penúltimo Módulo.

5º Módulo: No último módulo, o do “Produto Final”, os alunos demonstraram as capacidades adquiridas de identificação e análise, e apresentaram-se para a turma num compartilhamento de estudos e esforços conjuntos. Nesta fase de fechamento das nossas atividades, com os textos expressos em variantes diversas, elegemos um conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições. Para tanto, foi preciso elaborar um conjunto de procedimentos investigativos que possibilitaram o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para tornar possível o ensino e a aprendizagem de melhor qualidade (BRASIL, 1998). Essa experiência didática, portanto, culminou com as apresentações orais de conhecimentos compartilhados sobre as temáticas trabalhadas.

Esta última fase do nosso trabalho permitiu que o aluno analisasse e revisasse os textos em função dos objetivos estabelecidos no início, na intenção comunicativa dos gêneros, e que incorporem os conhecimentos discutidos e produzidos nas nossas práticas anteriores de análise linguística. Fez com que eles operassem com os procedimentos metodológicos empregados na análise dos fatos da linguagem, bem como utilizar os conceitos referentes à delimitação e identificação de unidades, à compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e as funções discursivas associadas a elas no contexto, empregando uma metalinguagem quando esta se revelar funcional (BRASIL, 1998, p. 98).

Essas tarefas estipuladas pelo professor favoreceram nos alunos uma atitude reflexiva e um controle do próprio comportamento em relação ao vernáculo. Pois eles tiveram as

⁴⁵ Proposta para a dupla 6, pág. 32 (Atividade do “Produto Final”).

incumbências de providenciar a pesquisa, a disciplina dos companheiros nos estudos, assim como a produção do material a ser exibido e apresentado para a turma. Como, por exemplo, para coletar os termos para compor um dicionário de ‘Paraibês’⁴⁶, eles abordaram algumas pessoas já idosas, da rua onde moram, e tiveram contato com palavras que fazem parte do vocabulário de outra faixa etária, e isso é entrar no universo cultural linguístico do outro. É uma interação social muito válida, no sentido de confrontar dois universos culturais e linguísticos. E isso é muito proveitoso quanto à aprendizagem. O objetivo principal deste último Módulo foi refletir ainda mais sobre as variedades ditas ‘estigmatizadas’ e, com isso, trabalhar mais o conhecimento, a elucidação e, conseqüentemente, o mito (no caso, a desmistificação) do preconceito. Foram oferecidas aos alunos possibilidades de trabalhos de análise linguística estrutural e semântica com as letras de Adoniram Barbosa; Ultraje a rigor; Funks cariocas; clássicos da nossa música regional como a obra de Luís Gonzaga; a poesia de Patativa do Assaré; fanpages que trabalham com variedades, principalmente com dicas de ortografia da norma padrão. Foram indicadas, também, opções de trabalho com crônicas ‘sulistas’ de Luís Fernando Veríssimo e com o livro “Placas do Brasil” (que em toda biblioteca pública tem exemplares), observando o reflexo dos condicionantes etário, de baixa-escolaridade, etc. que se refletem na fala e escrita do sujeito. Esses registros considerados como ‘erros’ também tiveram espaço nas nossas análises de conclusão dessa experiência com a diversidade do Português Brasileiro. Com isso foi possível demonstrar o valor estilístico de todas as variedades usadas na expressão do nosso povo.

Portanto, nas atividades relativas ao ‘Produto Final’, trabalhamos com a diversidade do Português brasileiro representado em vários textos e gêneros (págs. 29 a 33). Na verdade, a intenção aqui é mostrar essa diversidade linguística do nosso idioma representada em vários gêneros textuais disponíveis, inclusive a variante padrão; discutir sobre os motivos geradores do preconceito linguístico. São seminários em duplas que fizeram uso de vários gêneros textuais, entre eles músicas, cordéis, letras de funk, outras fanpages que destaca a nossa língua e uma dramatização do ‘Bode’, o episódio da separação de Bio e Zéfa. E a produção de um dicionário com termos coletados da nossa comunidade linguística.

Nesses dois últimos, para variar um pouco, foi pedido que se formassem dois grupos: um para fazer a dramatização dos “episódios” do Bode Gaiato, do “dia em que ‘Zéfa’ colocou ‘Bio’ para fora de casa”, como também a produção de um dicionário de “Paraibês”

⁴⁶ Proposta para ser trabalhada pela dupla 7, pág. 32 (Último módulo, o “Produto Final”).

confeccionado por eles. Essa iniciativa se deu pela intenção de se ter algo inusitado, que fosse pesquisado, produzido e apresentado por eles. Daí, também, a ideia da encenação. Isso iria gerar a criatividade deles e surtir mais efeitos lúdico-pedagógicos nas nossas aulas de encerramento.

Já em relação ao dicionário, entendi que a confecção de um “pequeno dicionário de Paraibês”, despertaria neles o senso e a curiosidade de pesquisadores, de entrevistadores. Além do interesse pela digitação, e ajuda de outros para a diagramação do mesmo, no que diz respeito à edição do texto.

Assim, pode-se dizer que, com essa proposta de trabalho⁴⁷, os alunos aprenderam a dominar alguns gêneros orais como o relato e o seminário; conheceram os mais vastos gêneros que fazem uso da diversidade linguística para expressar seus conteúdos⁴⁸, como é o caso da música, do cordel e do dicionário (ou Glossário de palavras). Trabalhamos, respectivamente, nestas condições, com as gírias cariocas dos funks, a fala do sertanejo analfabeto e os termos estilísticos (ou interjetivos) que usamos na variante regional, representada pelas postagens do ‘Bode’. Nestes textos, aparecem, em forma de linguagem escrita, todas as formas de expressão de uma sociedade mista como a nossa; conheceram, também, as formas de adequar essas variantes de acordo com a situação sociocomunicativa da interlocução. Portanto, essa experiência didática trabalhou uma nova visão de língua no sujeito. Uma visão sociolinguística,

Tornando-os mais abertos para as múltiplas variedades linguísticas (sociais, regionais, etárias, profissionais etc.) que qualquer língua viva apresenta. (...) Um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 8).

⁴⁷ A proposta de trabalho a qual me refiro é a Sequência Didática, na íntegra. Alguns gêneros que os alunos aprenderam a dominar com a execução das propostas das atividades, presentes nos módulos desta Sequência Didática.

⁴⁸ A gíria das favelas e dos bailes funks, o regionalismo gauchês do Analista de Bagé, a fala do nordestino analfabeto presente nos versos de Patativa do Assaré, etc. Atividades das páginas 31 a 33, propostas para apresentação em duplas, no módulo do ‘Produto Final’, pág. 29 da Sequência Didática (Anexos).

E isso foi feito. Então, pode-se dizer que as atividades trabalhadas levaram os alunos a ler de maneira independente, e em conjunto, os textos que, na experiência, conheceram, e que desde o início mantiveram com eles uma familiaridade. Por fim, informamos que a avaliação foi contínua, pois o processo foi dialógico, numa interação de trocas, no sentido em que se exigia reciprocidade deles e, com isso, fomos construindo mutuamente o conhecimento.

A sala de aula, com essa experiência, se transformou num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. Portanto, discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática. Ao final da aplicação chegou-se à conclusão que esse tipo de prática contribuiu muito mais para o engajamento do aluno nas tarefas como um todo, do que quando essas são definidas apenas pelo professor. Diga-se o envolvimento deles (durante todo o percurso da SD) na preparação das apresentações. Com efeito, os comentários (por parte dos alunos) a respeito do que foi visto, foram como um ato de inserção social. Foi uma elucidação a respeito dos direitos linguísticos que, até então, eles ignoravam. Com isso, aguçou-se e fortaleceu-se a capacidade crítica deles como sujeitos sociais.

Acima de tudo, essa nossa empreitada atuou na desmistificação do preconceito linguístico (na tentativa de explicar como decorrem alguns dos fenômenos que são vistos como “erros”), que até então era uma incógnita para eles. Não foi uma tentativa de desconstruir a prática tradicional de ensino, que contempla apenas a Gramática, mas sim como um fomento às práticas de linguagem, e assim abre-se espaço a todas as formas de expressões linguísticas utilizadas entre os interlocutores das comunicações reais do nosso povo.

A avaliação das transformações produzidas (atividades exercício) no decorrer das aulas ocorreu durante a continuidade das tarefas. Foi de maneira contínua, à medida que todos foram executando as atividades com compromisso e participando das exposições orais a contento. E os recursos didáticos utilizados foram os mais básicos possíveis: cópias xerocadas dos posts que eu compartilhei nos celulares (dispositivos móveis) para acessarem no Facebook, retroprojetor, notebook do professor, etc.

Após a execução das atividades e leituras, chegou-se à compreensão de que os dialetos do Nordeste são muitos, pois cada estado tem suas peculiaridades discursivas. Nossas atividades procuraram abordar os textos do “Bode Gaiato” que representa a oralidade do eixo Paraíba-Pernambuco, enaltecendo a nossa língua como sendo um legado cultural da nossa

região. Essas análises realizadas nos mostraram que a nossa linguagem nordestina (nossa fala “errada”, nossas crenças e lendas etc.) nada mais é do que o legado de um povo, que carrega em seus séculos de História muita cultura, mescla de outras culturas de povos que por aqui passaram etc. E por assim dizer, já está tão arraigado na nossa sociedade, no sentido de promover o que se diz ‘melhores’ em detrimento das que são desprotegidas economicamente, que, muitas vezes, o que temos de belo e rico, culturalmente falando, como a fala peculiar ao nosso povo, cheio de palavras caricaturais de referência à nossa cultura, cheias de “oxente!”, “bichim”, etc, se perdem tornando-se meros alvos de depreciação nos meios de comunicação de massa. E ao vermos a existência de mídias que hoje em dia, ao invés de depreciar, fazem é promover a nossa cultura linguística interessa-nos usá-la como recurso didático, assim como investigá-la, também. Então, temos mais é que estudarmos esse fenômeno da variante nordestina e divulgá-la à sociedade como um evento louvável de reconhecimento dos meios que promovem a Educação brasileira.

Enfim, reconhecemos aqui que a nossa preocupação maior foi a de mostrar a diversidade linguística do nosso PB, e a partir disso trabalhar a valorização da nossa variedade, e elucidar a respeito do preconceito linguístico, mostrando aos nossos alunos que a norma padrão é privilegiada e aceita como a ‘correta’, mas que por traz disso estão vários interesses políticos, sociais e econômicos. O reconhecimento e a elucidação a respeito dos fatos sociais e políticos que estão por traz dos preconceitos, e das exclusões manifestas nas relações da nossa sociedade, é um direito a que todos temos.

3.2.2 Resultados

Nossos esforços empenhados nessa proposta de ensino destinou-se a despertar no aluno a compreensão do uso adequado, e de acordo com as situações de comunicação, das diversas variantes da Língua, como também valorizar o dialeto falado em sua região.

O que observei no decorrer das atividades, e dos módulos, é que essa postura sociolinguística deve ser adotada sempre nas aulas de Português, pois é uma forma de o aluno entender os fenômenos linguístico de sua própria prática comunicativa e de sua comunidade falante (BORTONI, 2004). Só que dessa vez não como ‘erro’, mas como formas diferentes condicionadas por agentes externos, de cunho político-social (BAGNO, 1999), de acordo com o que prega a ciência da investigações linguísticas desses fenômenos, a Sociolinguística (BAGNO, 2002). Isso tudo, conforme solicita os PCNs (BRASIL, 1998), favoreceu a uma atitude reflexiva e um controle do próprio comportamento em relação ao vernáculo.

Os alunos, em diálogos interacionais durante as aulas, confessavam que aprender dessa forma é bem mais interessante, pois os recursos utilizados nesta experiência chamaram a atenção deles para os universos que comportam uma só língua: a Língua Portuguesa. Eles compreenderam que nosso idioma é uma unidade que se sustenta numa diversidade. E que essa diversidade é, justamente, quem dá o caráter de língua viva e dinâmica ao nosso vernáculo. Entenderam que o Português é um idioma forte e muito bem representado no mundo inteiro, pois está presente em todos os continentes por meio de seus falantes, que subsistiu a língua de seus colonizadores. E assim sendo, o que os diferencia são apenas marcas estruturais em suas falas e também no significado. Tiveram a certeza de que condicionamentos externos afetam a linguagem, e que são passados de geração em geração; viram, também, que o tempo, e o espaço, se imprimem na linguagem de modo a mudá-la e condicioná-la de acordo com sua comunidade linguística usuária; perceberam que uma criação nos meios virtuais disponíveis hoje, pode virar ‘bandeira’ em prol da valorização de um povo e de uma cultura, como fez o criador do “Bode Gaiato” – o Bruno Melo, em ralação à nossa região, nossa cultura e nosso modo de falar, sem perder o humor. Enfim, descobriram os mecanismos de transformação, flexão e condicionamentos da nossa variante falada (por meio dos textos do ‘Bode’) sem rotulá-la mais como ‘erro’, mas sim como entidade viva passível de intervenção de fenômenos externos a ela (os sociais e os sofridos pela influência de outras línguas que aqui foram trazidas pelos colonizadores).

Pôde-se perceber, também, com o processamento das aulas, que além dos mecanismos linguísticos (fonético-estruturais) e semânticos geradores do nosso dialeto nordestino, o aluno conheceu os mais vastos gêneros que fazem uso da diversidade linguística para expressar seus conteúdos. Muito além disso, conheceu, também, as formas de adequar essas variantes de acordo com a situação comunicativa. Aprendeu a monitorar sua oralidade e escrita de acordo com a intenção e o interlocutor como destinatário da mensagem. Aprendeu a dominar alguns gêneros orais como o relato e o seminário. Na impressão deles, e segundo suas falas, essa experiência derrubou muitos mitos e ‘certezas’ que já tinham pregado, até então, em suas mentes. Portanto, tiveram, ao conhecer as explicações para tais fenômenos linguísticos, contato com a língua real e seus fatores geradores. Fatores esses sempre de cunho social e político-econômico.

Ao meu ver, as leituras compartilhadas foram muito válidas para ajudar o aluno a desenvolver suas estratégias autônomas de leitura. No que diz respeito à análise linguística praticada nos Módulos da SD, a mesma foi vista como uma forma muito divertida e

interessante de se trabalhar com aspectos socioculturais, que são facilmente identificadas e perceptíveis na nossa forma de oralidade, a oralidade do morador e nativo da nossa região. E esse personagem, melhor do que ninguém veio para nos mostrar que a nossa riqueza linguística e semântica vai além do que as nossas aulas de Língua Portuguesa priorizam no dia-a-dia. Desta feita, despertou o interesse para a produção de cartazes, que os mesmos fizeram para apresentar no final. Essa atividade foi a mais interessante de todas, pois tiveram a oportunidade de se expressar e demonstrar o que aprenderam com suas próprias pesquisas.

3.2.3 Discussão

Foi por meio da análise dos “posts”, como propósito principal, que entrei na seara das variações linguísticas perceptíveis e verificáveis na nossa sociedade brasileira. Essa experiência prática teve em sua organização e execução a elaboração de atividades sobre aspectos discursivos e linguísticos do gênero ‘post’, assim como de outros gêneros que foram utilizados no decorrer expositivo dos módulos e no ‘Produto Final’ da sequência. Ou seja, é uma proposta de intervenção materializada em “uma sequência de atividades e exercícios, organizados de maneira gradual para permitir que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas e linguísticas dos gêneros estudados” (BRASIL, 1998, p. 89). Tudo em função das necessidades apresentadas pelos alunos. Para isso, foi necessário entender e se fazer entender que o preconceito linguístico é uma manifestação discriminatória sobre o sujeito falante, e não sobre a linguagem usada pelo mesmo. Pois esta, por sua vez, não deixa ‘a desejar’ porque completa (e com eficácia) a sua função sociocomunicativa. Assim sendo, sentimos a necessidade de

um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 8).

E para tal realização foi preciso discutir e explicar esses fenômenos linguísticos, de nossa variante regional, por meio de filmes, documentários, entrevista, atividades de exercício e análises compartilhadas. Foi muito proveitoso utilizar, e comprovar, nas postagens de uma fanpage popular o potencial textual para se discutir em sala um assunto tão importante quanto o que rege o dinamismo da nossa língua real, um olhar sociolinguístico sobre o Português do Brasil. Pois, a Gramática “(...) deixou de ser o foco exclusivo das investigações científicas da

linguagem, que têm se lançado cada vez mais na busca da compreensão dos fenômenos da interação social por meio da linguagem, da relação entre língua e sociedade (...)” (BAGNO, 2002, p. 14). Isso vale para todos os níveis de ensino da Língua, inclusive da Língua Portuguesa ensinada no nível básico escolar. Dessa forma, essa proposta contribuiu para as práticas docentes de nós professores, no sentido de abrir novos horizontes ao que preconizam os PCNs no sentido de trabalhar com a análise linguística em sua diversidade, e não privilegiando apenas a variante promovida pelos pressupostos da Gramática Normativa. Esse estudo, certamente, abrirá horizonte para muitos outros que se pautará no mesmo olhar sobre os falares regionais que precisam ser valorizados nas nossas discussões linguísticas do ensino básico do Português.

Sobre as impressões que ficaram entre a teoria e a prática, pode-se ressaltar que foi a autonomia linguística dada aos alunos de poder trabalhar e ter o reconhecimento de que as falas regionais de um povo, como “o nordestinês”, não é errado, nem certo, é apenas mais uma variedade da Língua Portuguesa, tão importante quanto à norma-padrão e as variedades formais privilegiadas. Por fim, esse material didático produzido serviu na Escola como um fomento às práticas de linguagem, e assim abre-se espaço a todas as formas de expressão linguísticas utilizadas entre os interlocutores das comunicações reais do nosso povo. Abordar um assunto preconizado pelos PCNs, utilizando uma fanpage do FB que promove a variante e os registros linguísticos dos nordestinos, é válido no sentido de incluir no hall de relevância sociocomunicativa também as variantes desprestigiadas e discriminadas. Abordar essas noções sociolinguísticas, já nas séries básicas, “é uma forma de dar ao falante de Português não-padrão a oportunidade de lutar em pé de igualdade” (BAGNO, 2014, p. 30) com os usuários de outras variantes. Ou seja, lutar com as mesmas armas, ao lado dos cidadãos das classes privilegiadas, para ter acesso aos bens econômicos, políticos e culturais reservados às elites dominantes. Pois, “o Português não padrão é transmitido de geração para geração, é um patrimônio linguístico que é compartilhado no convívio com a família e com as pessoas da mesma classe social” (BAGNO, 2014, P. 37) e não “uma forma errada”, como pregam. “A noção de “erro” nada tem de linguística – é um (pseudo) conceito estritamente sociocultural, decorrente dos critérios de avaliação (isto é, dos preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as outras classes sociais” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 8).

Para corroborar com a ‘filosofia libertadora’ e de empoderamento determinou-se que a avaliação (da proposta didática) iria funcionar apenas como “instrumento que possibilite ao

professor analisar criticamente sua prática educativa; e, por outro, como instrumento que apresente ao aluno a possibilidade de saber sobre seus avanços, dificuldades e possibilidades” (BRASIL, 1998, p. 93), mas que não seria quantitativa, mas qualitativa, apenas. Dessa forma, “deve ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagens, e não apenas em momentos específicos” (ibidem, p. 93).

3.3 Conclusão

Verificou-se, com a nossa experiência didática, que o Facebook e suas fanpages podem ser uma ferramenta de excelente uso no trabalho com a análise linguística de seus textos. Foi o que se pode comprovar com a utilização, para análise sociolinguística e linguístico-textual, da página do “Bode Gaiato”, pois esta traz, com muito humor, a representação escrita das peculiaridades fonético-fonológica e prosódica da nossa oralidade regional nordestina.

Constatou-se que esses posts e sua linguagem são muito úteis nas aulas de Português no Ensino Fundamental, já que são muito populares entre os jovens. Foi possível elaborar um material didático, que servisse de aparato pedagógico nas aulas de Língua Materna, para trabalhar com a variedade regional nordestina, como também com outras, sem deixar de trabalhar com os aspectos textuais do gênero e outras curiosidades que a página trás. Verificou-se, ainda, que seja possível desmistificar o preconceito linguístico desde o ensino fundamental no que compete ao professor, e uma conscientização no que compete aos alunos. E de que essa identidade que faz com que ele seja seguidor das peripécias do “Bode” é uma percepção linguística e cultural de vivências sociais que já estão inerentes a eles, principalmente no concernente à linguagem e outros elementos da nossa cultura local; e que pesquisas como estas, sobre a Língua Portuguesa que atualmente se ensina na escola brasileira, e suas possibilidades de incremento a partir do reconhecimento e adoção das variações linguísticas como componente curricular, especialmente no âmbito do Ensino Fundamental II, possam ser mais visadas pelos nossos estudantes das licenciaturas e professores de Língua Portuguesa, como também contribuições das tecnologias para a melhoria dos métodos de ensino do vernáculo. Isso consiste em um novo delineamento, a partir dos PCNs, de postura pedagógica, destacando as contribuições do estudo dos gêneros textuais para tal. O entendimento da necessidade de valorização da cultura e, de modo mais específico, da linguagem nordestina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, pode-se afirmar que não se vê o ensino básico do vernáculo mais como mero ensino das formas da norma padrão ditadas pela Gramática, mas sim como um fomento às práticas de linguagem em sua diversidade, e assim abre-se espaço a todas as formas de expressão linguísticas utilizadas entre os interlocutores das comunicações reais do nosso povo. Dessa forma, abordar um assunto preconizado pelos PCNs utilizando uma fanpage do Facebook que promove a variante e os registros linguísticos dos nordestinos foi muito válido no sentido de também incluir no hall de relevância sociocomunicativa as variantes “desprestigiadas” e discriminadas. Pois esse trabalho de conclusão de curso milita a favor do reconhecimento do Português Brasileiro como uma língua plena, autônoma, que deve se orientar por sua própria funcionalidade e não apenas por um modelo de língua idealizada.

A experiência tratada aqui atuou na desmistificação do preconceito linguístico, numa tentativa de mostrar aos alunos os fenômenos fonético-estruturais e históricos que resultam na variante falada por nós. Esse momento de aprendizagem, proporcionado pela execução dessa sequência de aulas, mostrou-nos que a nossa linguagem nordestina (nossa fala “errada”, nossas crenças e lendas etc.) nada mais é do que o legado de um povo, que carrega em seus séculos de História muita cultura, mescla de outras culturas de povos que por aqui passaram etc. E mais, que devemos ensinar a Língua a partir de conhecimentos já existentes, adquiridos na cultura local, como os conhecimentos prévios, de mundo e de língua. Pois o conhecimento linguístico e o repertório cultural de um leitor possibilita-lhe o exercício da previsão e formulação de hipóteses a respeito da cultura letrada escolar, e com isso permite-se ao aluno o estímulo ao seu desenvolvimento pessoal, social e político, pela ampliação gradativa de suas potencialidades comunicativas. É justamente isso que venho pretendendo na minha prática enquanto professor de Língua Portuguesa.

Assim, com essa experiência didática, percebeu-se que é possível abordar a linguagem numa perspectiva sociolinguística já a partir do Ensino Fundamental. E utilizando uma página de rede social, da qual eles são seguidores, isso se torna uma tarefa ainda melhor.

Foi enriquecedor ‘viajar’ pelas várias faces de um mesmo idioma, elucidando a respeito dos agentes externos que influenciam a língua e, ao mesmo tempo, desmistificando o preconceito linguístico, já nas séries básicas.

Considero ter sido um trabalho prazeroso, pois as postagens do Facebook, da fanpage em questão, favoreceram-nos muito para isso, e deu para perceber, enquanto professor, que não se pode permanecer inerte perante esse fenômeno que é a internet e os novos moldes que esta oferece para a prática de leitura e escrita. Também por conta da proposta dos PCNs, que pregam que o professor de Português deve fazer com que os seus alunos conheçam, reflitam e respeitem todas as variantes de sua língua materna, pois não podemos dissociar das práticas de linguagem as contribuições dadas pelas novas correntes linguísticas. A Sociolinguística, por exemplo, amplia enormemente nossa visão a respeito do estudo da linguagem e de suas investigações científicas na busca da compreensão dos fenômenos sociais de interação por meio da linguagem.

Termino esse trabalho, juntamente com a turma, tendo a certeza de que temos nossas características próprias sem nos desarraigarmos da unidade linguística do Português do Brasil. E de que a variação regional, ou variação diatópica, é a expressão da língua num suporte que traz a riqueza cultural e linguística daquele lugar, manifestada em formas fonéticas, sintáticas, morfológicas e semânticas, assim como em toda variante de qualquer língua. Assim sendo, não deve sofrer discriminação e nem preconceito, pois como está no Artigo 26º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (OLIVEIRA, 2003): "todas as comunidades linguísticas têm direito a um ensino que permita a todos os seus membros adquirirem o perfeito conhecimento da sua própria língua, com as diversas capacidades relativas a todos os domínios de uso da língua habitual". O artigo diz "TODOS os domínios habituais de uso da língua"! Portanto, aprender a norma culta é um dever de todos e usar a sua variedade linguística é um direito que deve ser assegurado. Pois a linguagem regionalista deixa nossa língua ainda mais viva, bonita e dinâmica do que ela, por natureza, já é. Assim, nós, professores, temos de nos conscientizarmos a respeito da heterogeneidade que é inerente à Língua Materna e despertar essas noções desmistificadoras nos nossos alunos, para que tenham um uso cada vez mais dinâmico da sua língua na vida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gilberto. **Dicionário de termos nordestinos**. Pernambuco, 2006. Disponível em: <www.jessierquirino.com.br/2006/dados/dicionário/pdf>. Acesso: Jun.-Nov. 2009.
- ALKMIM, Tânia Maria. “Sociolinguística – Parte 1”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p. 22- 44.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. **Aula de português - encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ARAÚJO, I. L. “A noção de discurso em Foucault”. In: **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- _____. **Preconceito Linguístico. O que é, como se faz**. 49ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. **Dramática da Língua Portuguesa: Tradição Gramatical, mídia & exclusão**. São Paulo: Loyola. 2000.
- _____. **Português ou Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial: 2002.
- _____. **A norma oculta – língua e poder na sociedade**. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. “Por uma Sociolinguística Militante”. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 7-10.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Disponível em: <<http://www.parabolaeditorial.com.br/downloads/GRAMATICAPEDAGOGICA.pdf>>. Acesso em: 06/03/2014.
- _____. **Língua de Eulália: novela sociolinguística. 17. Ed., (3ª reimpressão)**. – São Paulo: Contexto, 2014.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma**. 3ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BELINE, Ronald. “A Variação Linguística”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2003, p. 121-140.

BERGSON, Henri. **O riso: Ensaio sobre a significação da Comicidade** (trad. Ivone Castilho Benedetti). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. “Ensino de Língua Portuguesa e contextos teórico-metodológicos”. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. (orgs.). **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana de. “Corrigir ou não variantes não-padrão na fala do aluno?”. In: __. MACHADO, Veruska Ribeiro. **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito (org.)**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 45-61.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/MEC, 1998.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 1999.

CANDAU, V. M. F. **Diferenças culturais, interculturais e educação em direitos humanos**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, Jan.-Mar 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>, Acesso em: 20/08/2015, às 20:56.

CARDOSO, Suzane Alice. **Geolingüística: Tradição de Modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTILHO, Ataliba de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. “Sociolinguística”. In: -. **Letras Libras**. UFPB, 2011, 239-281. Disponível em:

<http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/sociolinguistica_1330351479.pdf>. Acesso em 29/07/2014, às 05:00.

CEREJA, William Roberto. “A Língua em foco: Variedades Linguísticas”. In: __. **Português: linguagem _ 6º Ano: Língua Portuguesa**. 7. Ed. Reform., São Paulo: Saraiva, 2012, p. 36-46.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria (org.). **Sociolinguística e Ensino**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010, 172 p. Disponível em: <

http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>, Acesso em: 09/08/2015, às 03:56.

COUTO, Hildo H do. **O que é Português Brasileiro**. 5ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1999 (nº 164).

CUNHA, Lucia Aparecida Albuquerque. “O trabalho com a variação linguística: uma proposta de Sequência Didática para o Ensino Médio”. In: **Anais do SIELP**. Volume 2, Nº 1, Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/937.pdf>>. Acesso em: 16/08/2014, às 01:00.

DANTAS, Jacqueline W. M.; CARVALHO, Margareth V. da L.; COSTA, Catarina de S. S. M. “Variação Linguística versus ensino de Língua Portuguesa em nossas escolas: como erradicar o círculo vicioso do preconceito linguístico?”. In: Web-revista **SOCIODIALETO**. Mestrado em Letras - Campo Grande: UEMS, v. 5, nº 14, publicado em 26 de Nov. de 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/19/23122014014649.pdf>>, acesso em: 26/07/2015, às 19:02.

DESLANDES, Suely Ribeiro. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros Orais e Escritos na Escola** (trad. e org. Rojane Rojo e Glais Sales Cordeiro). São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

DUBEUX, Maria Helena Santos; SOUZA, Ivane Pedrosa de. “Organização do trabalho pedagógico por sequências didáticas”. In: **Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas: ano 01 unidade 06/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional**. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_6_MIOLO.pdf>, Acesso em 17/05/2015, às 13:47.

FARACO, C.A. **Norma culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FÁVERO, Leonor L. *et al.* **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2000.

FERNANDES, M. “Unificação linguística, que Clareza!”. In: **Isto É / Senhor**, São Paulo, 19 jun.1991, p.8.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. “A mediação dos dispositivos móveis nos processos educacionais”. In: **Revista Teias**. Volume 13, nº 30, 2012, p. 1-5. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/.../1019>> Acesso em: 22/08/2014, às 22:04.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. “Juventudes, Mediação tecnológica e Produção de conhecimento” In: **Revista Eletrônica Pesquisa e educa**. Santos, volume 05, nº 10, p. 323-336, Julho a Dezembro, 2013, p. 1-14. Disponível em:

<<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/viewFile/323/pdf>>. Acesso em 22/08/2014, às 22:33.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 109.

GNERRE, Maurizze. **Linguagem, Escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de Português: que língua vamos ensinar?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ILARI, Rodolfo. **A Linguística e o ensino da Língua Portuguesa**. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JORGENS, Denise. “Novas possibilidades para o ensino de língua materna”. In: **Linguagens & Cidadania**. 2007, UFSM, pág. 2. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/1%26c/download/Artigos/07_L%26C_1S/L%26C1s07_Denis_e.pdf>. Acesso em 18/07/2014, às 02:00.

JULIANI, Douglas Paulesky et ali. “Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior”. In: **Revista Novas Tecnologias na Educação**. V. 10 Nº 3, dezembro, I CINTED-UFRGS, 2012, 11 p. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo20/artigos/10b-douglas.pdf>> Acesso em 30/07/2014, às 00:18.

JUNIOR, Luís Costa Pereira. “Mitos ideológicos”. In: **Revista Língua Portuguesa**. Nº 100, Ano 9, Fevereiro de 2014. Disponível em: www.revistalingua.com.br

KIRKPATRICK, David. **O feito Facebook: os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo** (trad. de Maria Lúcia de Oliveira). Intrínseca Editora: Rio de Janeiro, 2010.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Unicamp: São Paulo, 2005, 60 p. (Linguagem e letramento em foco).

KOCH, Ingedore. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguística Textual e Ensino de Línguas**. Campinas: UNICAMP, 2002. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no1_02.pdf>, Acesso em 16/04/2015, às 01:20.

KOCK, Ingedore V.; ELIAS, Vanda Maria. “5 – Gêneros Textuais”. In: _____. **Ler e Compreender o sentido do texto**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 101.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAGARES, X. C; BAGNO, Marcos (orgs.). **Política da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LIMA, Keila Vieira de; MACHADO, Suelen Fernanda. “Variação linguística, que preconceito é esse?”. In: _____. **Secretaria Estadual de Educação, Curitiba - PR**, 03/06/2013. Disponível em:

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=44004>>, Acesso em 27/04/2015, às 10:03.

LINS, Patrícia. **A Cultura Nordestina no Facebook: Apontamentos sobre Cultura e Identidade na Era digital**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa: UFPB, Maio de 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0676-1.pdf>>, Acesso em 20/02/2015, às 02:28.

MAIA, Laís Farias; SOUZA, Élmano Ricarte de Azevêdo; NOBRE, Itamar de Moraes. “A Identidade Cultural Nordestina em ‘Bode Gaiato’”. In: *Revista “Comunicação: Cultura e Sociedade”*. Nº 2, v. 2, ed. Jan-Jun, Ano 2013, p. 1-11. Disponível em: http://www.aia.unemat.br/revistaculturasociedade/arquivos/2edicao/itamar_nobre_editorado.pdf, Acesso em 10/08/2014, às 03:50.

MARCHON, Amanda Heiderich. “A referenciação e a construção de sentido do texto: um caminho a percorrer”. In: SANTOS, Leonor Werneck dos (Org.). **Referenciação e Ensino: análise de livros didáticos (livro eletrônico)**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2013, 382 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º. Graus: uma visão crítica. Trabalhos em Linguística Aplicada**, nº 30, 1997, p. 39-79.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, Ângela & BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2. Ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 21-34.

_____. “Gêneros Textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. “A questão do suporte dos gêneros textuais”. In: **DLCV: Língua, Linguística e Literatura**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003, p. 11.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARKMAN, Luna. “Bode 'gaiato' criado por recifense vira mania e atinge multidão de fãs na web”. In: **Portal G1 – Pernambuco – Rede Globo Nordeste**. 05/05/2013, às 12h23. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/05/bode-gaiato-criado-por-recifense-vira-mania-e-atinge-multidao-de-fas-na-web.html>>. Acesso em: 18/08/2014, às 01:20.

MARQUES, Letras. “Regionalismos – Variações Linguísticas”. In: **Blog Letras Marques**. São Paulo, Domingo, 4 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://letrasmarques2013.blogspot.com.br/2013/08/regionalismos.html>>. Acesso em 29/07/2014, às 05:50.

MARROQUIM, Marcos. **A língua do Nordeste: Pernambuco e Alagoas**. 3ª Ed., Maceió: Edufal, 1945. (Coleção Nordestina) Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ItRggLujJ8UC&printsec=frontcover>>, Acesso em 17/05/2015, às 09:30.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Português arcaico: fonologia**. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUFBA, 1991.

_____. **O Português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Contradições no Ensino de Português: a Língua que se fala X a Língua que se ensina**. 8. ed. – São Paulo: Contexto, 2013 (Repensando a Língua Portuguesa).

MELO, Breno. “O Bode Gaiato” (Publicações em Fanpage). In: **Facebook** (Rede Social). Disponíveis em: <www.facebook.com/bodegaiato>. Acesso em: 16/04/2014, às 14: 35.

MODESTO, Artaxerxes Thiago Tácito. **Processos interacionais na Internet: Análise da Composição Digital**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-graduação em Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Fala, Letramento e Inclusão Social**. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2004.

MORETTI, Isabella. “Regras da ABNT para TCC: conheça as principais normas”. 2014. Disponível em: <<http://viacarreira.com/regras-da-abnt-para-tcc-conheca-principais-normas>>. Acesso em: 02/02/2015.

MURANO, Edgard. “O texto na era digital: Para além do internetês, a internet está mudando a maneira como lemos e escrevemos”. In: **Revista Língua**. Artigo 249031, nº 64, Dezembro de 2011. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/64/artigo249031-1.asp>>, Acesso em: 12/08/2015, às 03:32.

OLIVEIRA, G. M. (org.). **Declaração universal dos direitos linguísticos. Novas perspectivas em política linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

OLIVEIRA, Juliana Cristina Nunes de. “Variações Linguísticas em sala de aula”. In: **Revela - Periódico de Divulgação Científica da FALS**. Ano V, nº X, Março/2011, p. 1-33. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela12/artigo3_revelaX.pdf>. Acesso em: 16/08/2014, às 01:10.

PEREIRA, Elaine. “Regionalismo - Uma marca registrada”. In: __. **Blog “Entendendo nossa Língua”**. Recife –PE- Brasil, sábado, 12 de Junho 2010. Disponível em: <<http://entendendonossalingua.blogspot.com.br/2010/06/regionalismo-uma-marca-registrada.html>>. Acesso em: 29/07/2014, às 05:45.

PETTER, Margarida. “Linguagem, Língua, Linguística”. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. 2. ed – São Paulo: Contexto, 2003, p. 11-24.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

REVISTA “DISCUTINDO A LÍNGUA PORTUGUESA” - ano II - nº27 – 2007.

ROJO, Roxane. “Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projeto”. In: **Revista da ANPOLL**. Ano 2.000. Disponível em: www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/download/540/550_2.000. Acesso em: 02/08/2015, às 23:38.

SÁ, Edmilson José de. “A Pesquisa Sociolinguística e a seleção de informantes: o que sugere Fernando Tarallo?”. In: **Web-Revista Sociodialeto**. Vol. 4, nº 12, UEMS/Campo Grande, Maio de 2014, p. 108-121. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014021408.pdf>>. Acesso em 29/07/2014, às 05:40.

SANTOS, Virgínia Inácio dos. “Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual”. In: -. **Identidade e Diferença**. Vol. 16, nº.16, Mandrágora: 2010, p. 115-117. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/2030/2018>>. Acesso em 29/07/2014, às 05:31.

SCHNEUWLY, Bernard et alli. “Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”. In: _ et alli. **Gêneros orais e escritos na Escola**. Campinas: Mercado da Letras, 2004, p. 95-128.

SILVA, Adelino; SILVA, Fábio. “Todo mundo usa”: Facebook como ferramenta de comunicação e entretenimento. In: **Revista Temática**. www.insite.pro.br, Ano IX, nº 06 – Junho/2013. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2013/junho/facebook_comunicacao_entretenimento.pdf.

SILVA, Edila Vianna da. “A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação”. In: **Revista ABRAFIL**, nº 9, 049, 11/11/2011, Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf>>, Acesso em 24/08/2015, às 02:39.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Joceli Maria. “Repensando a análise linguística: uma experiência com Sequência Didática no Ensino Fundamental”. In: **Revista Conjectura**. Volume 16, nº 2, Maio/Agosto, Caxias do Sul, 2011, 74-92. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/.../833>>. Acesso em: 14/08/2014, às 01:10.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **O Português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo; Parábola editorial, 2004, p. 25.

SILVA, Mozart Linhares. “A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea”. In: ____ (org.). **Novas Tecnologias: educação e sociedade na era da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 37.

SOBRINHO, Cecília Sousa Santos; FILHO, Odilon Pinto de Mesquita. “A variação linguística no ensino de Língua Materna: o que o professor deve fazer na sala de aula?”. In: **Revista Anagrama Beta: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. Ano 4 - Edição 4 – Junho-Agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/7606/7002>>, Acesso em 12/08/2015, às 05:13.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Art Med, 1998.

SOUZA, Christiane Maria N. et al. “O estudo da linguagem no contexto social”. In: **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: contexto, 2014.

TAKAHASHI, Juliane A.; GARDIM, Sônia Maria; FILET, Neide Bombeiro. **Guia Prático para elaboração de Dissertação**. São Paulo: E. E. USP, 2014. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/biblioteca/whorta/doc/guia.pdf>>, Acesso em 27/03/2015, às 01: 18.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. Ed. Ática, 1982.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral et alli (org.). **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011. Disponível em: <http://www.lingnet.pro.br/media/ebooks/leitura_tavaresetal.pdf>, Acesso em 29/07/2014, às 05:34.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. “Usos da Internet no ensino-aprendizagem de leitura: sugestões de portos e rotas para o professor navegador”. In: TAVARES, Kátia Cristina et alli (org.). **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011. Disponível em: <http://www.lingnet.pro.br/media/ebooks/leitura_tavaresetal.pdf>, Acesso em 29/07/2014, às 05:34.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 14. ed., São Paulo: Cortez, 2009.

TREVISAN, Rita. “Fala mestre!” – Entrevista com a educadora Martina Roth. In: **Revista Nova Escola**. Ano XXVI – nº 247 – Novembro de 2011, p. 38-39.

URBANO, Hudinilson. “Variedades de planejamento no texto falado e no escrito”. In: PRETI, Dino (org.). **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 131-152.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VICILIC, Filipe. “2013 é o começo do fim dos PCs” (entrevista com Hugo Barra, vice-presidente da Google). In: **Revista Veja**. Edição 2318 – ano 46 – nº 17, São Paulo: Editora Abril, 24 de Abril de 2013, p. 17-21.

VÍDEOS:

CARRARO, Paulo. **Uma escola entre Redes Sociais (Documentário)**. [Filme-vídeo]. Produção de Paulo Carraro. Rio de Janeiro: Observatório jovem da UFF, 2012-2013.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vP2o472pjNs>>, Acesso em: 23/08/2014, às 05:34.

LOPES, Vitor. **Língua - Vidas em português** (documentário). [Filme-vídeo]. Produção e direção de Vitor Lopes. 2002, duração: 1h 45min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sTVgNi8FFFM>>. Acesso em 18/08/2014, às 01:50.

MATTAR, João. **Redes Sociais em Educação**. [Filme-vídeo]. Produção e direção de João Mattar. São Paulo: Universidade Anhembi-Morumbi, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6ZqoxzkiQlw>>, Acesso em: 23/08/2014, às 05:44.

MELO, Breno. **Samuka Duarte entrevista o criador do ‘Bode Gaiato: depoimento**. [Publicado em 22 de maio, 2013]. Paraíba: Programa “Correio Verdade”, da TV Correio. Entrevista concedida a Samuka Duarte. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zygK2Rfj13Y>>, Acesso em: 23/08/2014, às 05:51.

MELO, Breno. **Entrevista com o criador da página ‘Bode Gaiato’: depoimento**. [Publicada em 22 de abril, 2013]. Pernambuco: Programa “O Povo na TV”, da TV Jornal de Caruaru. Entrevista concedida a Ciro Bezerra e Boquinha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FoeDZzgwbtA>>, Acesso em: 23/08/2014, às 06:05.

MELO, Breno. **Entrevista com Breno Melo, criador do Bode Gaiato: depoimento**. [Publicado em 22 de maio, 2013]. Paraíba: Programa “Feminíssima”, da TV Tambaú de João Pessoa. Entrevista concedida a Marcelle Mosso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qn4Pg3bXhT0>>, Acesso em: 23/08/2014, às 06:07.

SANTOS, Nelson Pereira; FILHO, Domício Proença. **Português, a Língua do Brasil** (documentário-longa). [Filme-vídeo]. Direção de Nelson Pereira dos Santos e roteiro (argumento e consultoria de conteúdo) Domício Proença Filho. Brasil, 2007, longa-metragem, duração: 72 min. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Od9S_2KJ3KE> Acesso em 18/08/2014, às 01:30.

Anexos